

UNIVERZITA PALACKÉHO V OLOMOUCI

Filozofická fakulta

Katedra romanistiky

Portugalská sekce

**CAMINHO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO DESDE
A LÍNGUA DO COLONIZADOR ATÉ A LÍNGUA DA
NAÇÃO INDEPENDENTE**

DIPLOMOVÁ PRÁCE

Bc. JANA FABOVÁ

Vedoucí práce:

Mgr. Petra Svobodová Ph.D.

Olomouc 2013

Declaração

Declaro que elaborei a minha dissertação de Mestrado sozinha apontando todas as fontes utilizadas.

Olomouc, a 23 de Abril de 2013

.....

assinatura

Agradecimento

Gostaria de agradecer à minha orientadora Mgr. Petra Svobodová Ph.D. pela orientação da minha dissertação, pelas sugestões úteis e inspiração fornecidas à minha dissertação. Meus agradecimentos vão, também, à Doutora Tânia Conceição Freire Lobo pelo empréstimo de materiais linguísticos e pela disposição de esclarecer todas as minhas dúvidas.

Conteúdo

Introdução	6
1. Status de língua portuguesa no mundo	11
1.1 Português em Portugal e no Brasil	11
1.2 Caso de outras colônias portuguesas	13
2. Desenvolvimento linguístico no território brasileiro	16
2.1 Situação sócio-histórica no Século XVI	16
2.1.1 Grupos étnicos no Século XVI	16
2.1.1.1 Índios	17
2.1.1.2 Europeus	19
2.1.1.3 Africanos	20
2.1.2 Línguas faladas no território brasileiro no Século XVI	21
2.1.2.1 Línguas indígenas	21
2.1.2.2 Língua dos colonizadores	22
2.1.2.3 Línguas africanas	23
2.1.2.3.1 Processo da aquisição do português pelos africanos	24
2.2 Situação sócio-histórica nos Séculos XVII e XVIII	26
2.2.1 Grupos étnicos nos Séculos XVII e XVIII	28
2.2.1.1 Índios, Europeus e Africanos	28
2.2.1.2 Brancos brasileiros, mulatos e negros brasileiros	31
2.2.2 Línguas faladas nos Séculos XVII e XVIII	31
2.2.2.1 Línguas gerais	33
2.2.2.2 Português	35
2.2.2.3 Política linguística pombalina	36
2.2.2.4 Português geral brasileiro	36
2.3 Situação sócio-histórica nos Séculos XIX e XX	39
2.3.1 Grupos étnicos	42

2.3.1.1 População índia e negra	43
2.3.1.2 População mulata e branca brasileira.....	44
2.3.1.3 Europeus.....	44
2.3.1.4 Imigrantes.....	45
2.3.2 Línguas faladas nos Séculos XIX e XX	45
3. Evolução do status do português no Brasil através dos séculos	48
3.1 Língua do colonizador.....	48
3.2 Português como base da língua geral	49
3.3 Português a partir da segunda metade do século XVIII até a Independência.....	49
3.4 Português após a Independência	50
3.4.1 Semana de Arte Moderna	51
3.4.2 Português como língua nacional e oficial	52
4. Classificação da língua no Brasil.....	54
4.1 Designação do português brasileiro	54
4.2 Problemática da norma	56
4.2.1 Norma padrão, norma culta, norma popular.....	56
4.2.2 Ausência da norma padrão no sistema escolar	59
4.3 Gramática do português brasileiro	60
4.3.1 Aspectos sintáticos e morfológicos	62
4.3.2 Aspectos fônicos.....	64
4.3.3 Aspectos lexicais.....	65
4.4 Estado atual da norma brasileira	66
Conclusão	69
Resumo em eslovaco	74
Resumo em inglês	75
Anotação	76
Bibliografia.....	78

Introdução

Devido à posição e definição não muito claras, o português no Brasil chama muita atenção principalmente no mundo lusófono. Apesar de muitas tentativas dos linguistas famosos, o problema de idioma dos brasileiros fica evidente. A questão de o que é o português brasileiro me interessou e me levou a escrever este trabalho.

O caminho do português brasileiro começa já no final do século XV com o tratado Tordesilhas de 1494 e sobretudo com o Tratado de Tordesilhas. O território brasileiro foi então dividido entre o Reino de Castilha e o Reino de Portugal. Graças ao segundo destes tratados, a maioria do território hoje chamado de Brasil caiu nas mãos dos portugueses e assim a Coroa Portuguesa interessou-se ainda mais por esse território do que em qualquer período anterior. Daí se iniciaram as preparações para a navegação a este território ainda desconhecido. Em 1500, seis anos depois de Tratado de Tordesilhas, aproveitando a ocupação espanhola pelas guerras, os portugueses chegaram ao Brasil sob o comando de Pedro Álvares Cabral. Os portugueses chegaram ao território onde se falavam mais de mil línguas indígenas, o que complicou a realização da colonização desta terra recém descoberta.

O português brasileiro, o português do Brasil, a variedade brasileira do português, a modalidade brasileira da língua portuguesa, o dialeto brasileiro. Todos estes termos são usados para indicar uma variante da língua portuguesa utilizada por mais de 191 milhões de brasileiros. Esta variante mais comum do português no mundo tem a sua origem no português mal falado e transmitido pelos africanos, influenciado pelas línguas indígenas e línguas gerais que eram criadas pelos jesuítas e serviram como línguas de comunicação entre índios e portugueses.

Devido à importância do Brasil no Mercosul e no UNASUL, esta variedade do português é ensinada nos países da América do Sul, é particularmente popular na Argentina, no Uruguai e nos Estados Unidos. Ela também é usada como língua materna em países onde vive uma grande comunidade brasileira, especialmente nos Estados Unidos, Paraguai, Japão e vários países europeus.

A natureza do português falado no Brasil tem várias interpretações controversas. Qual é o nome da língua mais falada no Brasil desde o século XIX? Se fala ainda do português, da língua brasileira, do dialeto do português ou da variante nacional do português? O fato irrefutável é que há muitas diferenças entre a língua portuguesa e a variante brasileira. Porém, tal como podemos confirmar que as línguas latinas como o espanhol, o italiano, o francês, o português, o sardo ou o rético nasceram do latim, podemos também confirmar que a língua brasileira nasceu do português clássico do século XVI, falado na Europa. Apesar disso entre o português europeu e o brasileiro há várias diferenças, principalmente na pronúncia, vocabulário e sintaxe, especialmente nas variações regionais.

Para mostrar melhor a problemática do status variável do português brasileiro, no meu trabalho primeiramente gostaria de reconstruir a história do português brasileiro. Para reconstruir esta história, é necessário perceber que cada história de uma língua possui duas partes, a da história externa e a da história interna. A história externa consiste de fatos da ocupação de território, de distribuição demográfico-linguística dos colonizadores e de desaparecimento de línguas. A história interna se baseia no fenômeno linguístico do português vindo para o território brasileiro, nesse caso se estuda a evolução dos componentes linguísticos e as diferenças horizontais e verticais.

No caso do meu trabalho, enfatizarei a história externa do português brasileiro que trata dos fatos como por exemplo a instabilidade territorial, guerras, influências culturais, contatos com outras línguas. Assim podemos ver que a história externa de uma língua fica quase idêntica à história dos seus falantes e do país onde é falada. Esta história mostra e explica as mudanças da língua e também as mudanças de espaços e como aumenta ou diminui o número de falantes.

No meu trabalho discutirei a complexidade linguística no Brasil, especialmente com relação ao português desde o início do processo colonizador até os dias de hoje. O português vindo da Europa vai representar um denominador comum neste país multilíngue e multidialetal incluindo variantes localizadas mais ou menos influenciadas pelas marcas indígenas, africanas ou línguas de imigrantes.

Para nomear o idioma dos brasileiros podemos encontrar muitos nomes, mas o mais comum é o português brasileiro. Quando olhamos nas fontes sobre as informações básicas do Brasil às vezes encontramos o português como língua oficial às vezes o português brasileiro. Especialmente linguistas muitas vezes criam novos nomes para este idioma como por exemplo o brasileiro ou a língua brasileira. A existência de tantos nomes quer mostrar a diferença entre o português falado em Portugal e o falado no Brasil. Esta diferença foi o principal motivo para a criação de muitos livros e dicionários centrados no português do Brasil, também dicionários nos quais se encontra a diferença entre o português e o português do Brasil. Quanto às obras literárias alguns autores brasileiros tentam seguir a norma padrão nos seus livros usando o léxico brasileiro, porém a maioria deles adapta as construções de frases e a gramática ao português do Brasil apenas com uns sinais da língua padrão. Com isso percebemos que nem os brasileiros conhecem a fronteira entre o português europeu e a língua usada por eles.

A problemática da designação do português brasileiro se reflete na terminologia que eu usei no meu trabalho. Escrevendo este trabalho tive que enfrentar a terminologia muito diferente usada pelos autores para denominarem a grande variedade de idiomas falados no Brasil. Muitos autores inventaram novos termos para as línguas que já tinham tido seus nomes. Assim tive que investigar e fazer a comparação de muitos nomes diferentes que na verdade nomeam o mesmo elemento. Outro problema associado com a literatura foi que a maioria das obras foi desarranjada e não muito bem organizada para eu me orientar bem e conseguir fazer a história cronológica da história linguística do Brasil.

A minha dissertação é dividida em quatro partes. Para termos uma noção do desenvolvimento linguístico da língua portuguesa comecei o trabalho por um capítulo que fala sobre status diferentes desempenhados pela língua portuguesa nas antigas colônias de Portugal. O segundo capítulo é bem extensivo e detalhado e abrange a situação sócio-histórica e linguística de cinco séculos. É dividido em subcapítulos por séculos que falam da situação histórica e no mesmo tempo fazem a gênese das etnias e das línguas faladas em cada época histórica. O capítulo seguinte trata do status do português no Brasil através dos séculos e de suas diferenças verticais dentro do território brasileiro. O quarto capítulo trata

da problemática da designação deste idioma, da norma linguística no Brasil e da gramática brasileira.

O meu trabalho tem por objetivo classificar o português brasileiro com base na sua cronologia. Quer dizer, me dedicarei ao nome desta língua, mostrarei o que é o português brasileiro, qual é o status do português falado no Brasil, ou seja confirmarei ou negarei a verdadeira existência da língua brasileira. Outro objeto é mostrar porque o português brasileiro tem tantas variantes linguísticas e porque fica muito trabalhoso escolher entre a pluralidade de variantes uma que servia para a nação inteira. O meu último objetivo é mostrar porque é tão difícil elaborar uma norma linguística. Sabemos que apesar do fato de que o português é a língua oficial do Brasil e serve para quase 200 milhões de pessoas, oficialmente não tem a sua própria norma e usa a norma padrão do português europeu que é válida para todas as ex-colônias portuguesas. No entanto, essa norma culta é respeitada só pela insignificante minoria no Brasil. Os brasileiros usam as suas próprias regras de língua vindas do tempo da colonização quando os africanos tiveram que aprender essa língua de algum jeito para conseguirem entender.

Foi precisamente a problemática da classificação do português brasileiro que me levou a escrever este trabalho. E como na maioria das obras, que eu estudei, as informações linguísticas não estão escritas na ordem cronológica, é neste aspecto, ou seja na cronologia detalhada da evolução linguística e populacional no território brasileiro durante cinco séculos em que eu vejo o benefício da minha dissertação.

As obras fundamentais que eu escolhi para escrever este trabalho foram obras mais conhecidas, escritas na maioria dos casos por linguistas e historiadores brasileiros. Como obra essencial levei a de Antônio Houaiss que desempenha o papel da obra pioneira quanto ao estudo do português brasileiro, obra de Serafim da Silva Neto, de Rosa Virgínia Mattos e Silva, alguns trabalhos da professora Tânia Lobo e de Celso Cunha e também uns textos de autores e de socio-linguistas europeus diferentes que tratam do português brasileiro. Assim o meu ponto de vista reflete antes de mais a atitude brasileira ao português brasileiro, e não a portuguesa.

Quanto à forma escrita na minha dissertação, essa pode ser considerada como uma mistura do português brasileiro e do português europeu em que predominam construções de sentenças brasileiras e vocabulário próprio ao idioma brasileiro. Assim podemos ver que até a língua do meu trabalho reflete a problemática de que o quanto é difícil definir o que é o verdadeiro português do Brasil.

1. Status de língua portuguesa no mundo

O português ganhou status diferentes em lugares diferentes do mundo. A expansão da língua portuguesa resultou em ser a língua falada em cinco continentes se tornando uma das sete línguas mais faladas no mundo. Mas é óbvio que o português desempenha status diferentes em cada país onde é falado. Mesmo que o português tenha vindo a ser língua oficial em todas as colônias portuguesas, a situação cotidiana desta língua varia muito e de vez em quando funciona antes de mais somente como língua nacional ou vernácula.

Há vários status que uma língua pode ter, por isso imagino que seja útil começar pela explicação da terminologia usada. A língua oficial é a língua de um país usada em atos oficiais, é a língua obrigatória para toda a população. A língua nacional é a língua usada numa área definida que caracteriza os seus falantes e dá a eles a consciência de pertencer a um étnico determinado. A língua vernácula é a língua própria de uma nação ou de um território, ou seja a língua mais usada em um território determinado. Na maioria dos casos a língua oficial e a língua nacional podem ser também consideradas como as línguas vernáculas já que são usadas num certo território pela determinada população. A segunda língua também chamada de língua franca é uma certa língua que é aprendida depois da língua materna, ou seja a primeira língua, muitas vezes devido à imigração.¹

1.1 Português em Portugal e no Brasil

Iniciando pela situação linguística em Portugal, essa é bem clara porque o português apresenta uma unidade linguística só, a população fala uma língua que é ao mesmo tempo uma língua comum ou seja vernácula, oficial e nacional. Segundo o linguista Paul Teyssier o português falado em Portugal apresenta uma língua quase perfeita. É falada num território que foi unido já do século XIII. O autor usa a palavra "quase" porque Portugal é um país da população quase unilíngue porque até hoje existe uma minoria populacional que fala a língua mirandesa. É uma língua descendente de dialetos asturo-leoneses que é falada no

¹ Serafim da Silva Neto, A língua portuguesa no Brasil: problemas

Nordeste do território pela população de 12 000 pessoas que se encontram na situação de diglossia usando o português apenas nos atos formais.²

Dentro da unidade do português peninsular não podemos esquecer os dialetos como por exemplo o português do Norte, o português do Sul ou também o português insular que corresponde ao dialeto do português continental falado na Madeira e nos Açores.³

A situação no território brasileiro é completamente diferente. Enquanto Portugal é um país mais ou menos unilíngue o Brasil ao contrário, é um país multilíngue, ou seja um país do multilinguismo localizado, o termo usado pela maioria dos linguistas brasileiros. Há uma língua comum que é oficial e serve para a maioria da população, mas há também muitas minorias linguísticas. Na verdade o português brasileiro é uma língua que a maioria aprende desde o nascimento, por isso podemos falar sobre a língua vernácula, mas ao mesmo tempo o português brasileiro desempenha o papel tanto da língua oficial como da nacional. Quanto à maioria linguística, são os falantes da língua predominante, neste caso se trata da população brasileira que fala português. Esta maioria é unilíngue, fala só a língua comum, ou seja a língua portuguesa. Além dessa maioria há também minorias, principalmente as indígenas, que usam suas línguas vernáculas próprias mas o número predominante da população usa também o português.⁴ Mas até hoje existem poucos grupos indígenas que falam só uma língua indígena como por exemplo tribos indígenas isoladas que vivem principalmente em áreas remotas na Amazônia. Devido ao isolamento, não têm o acesso ao português.

Hoje em dia, além da língua oficial e das línguas das minorias, existem também línguas nacionais que são usadas pelas minorias indígenas mais numerosas. Em 1988 a constituição

² Paul Teyssier, História da língua portuguesa

³ <http://www.cin.ufpe.br/~rac2/portugues/mundo.html> 14.3.2013

⁴ Quase todas as minorias são pequenas e bilíngues, falam a sua língua vernácula própria, ou seja a língua indígena, e também a língua comum, trata-se sobretudo dos grupos indígenas que vivem em contato com o português como por exemplo o povo Suruí, Assurini ou Anambé. Mas a situação linguística dentro das tribos bilíngues pode variar porque existem tribos que deixaram de usar a sua língua própria e passaram a usar o português e apenas os membros mais velhos falam também a língua materna enquanto os jovens sabem falar só o português. Outra situação é que apenas os jovens sabem falar a língua indígena e o português enquanto os velhos falam somente a língua materna. Às vezes mas é muito raro há até minorias trilingues que falam a sua língua vernácula própria, a língua comum, ou seja o português, e uma terceira língua. Esta situação pode ter surgido do contato ou da coexistência de tribos indígenas diferentes que mais tarde passaram a adotar a língua portuguesa.

declarou o português como língua oficial e nacional e línguas indígenas como línguas nacionais. Em 2003 foi proclamada a co-oficialização do nheengatu, tukano e baniwa, ou seja de línguas indígenas mais faladas.⁵

O vernáculo brasileiro, isto é a língua portuguesa falada no Brasil, convive com a diversidade de línguas e a variedade de dialetos. A língua brasileira coexiste com mais de 120 línguas minoritárias, quer dizer com as indígenas, européias e também as asiáticas. Esta situação linguística apresenta políticas linguísticas assimilatórias porque às vezes o ensino se faz em ambas línguas, na língua da maioria e também na língua da minoria. O português brasileiro, assim como o português europeu, é composto de unidades menores, ou seja dialetos, que se diferem geograficamente. A diversidade de dialetos no Brasil é muito maior que em Portugal, posso mencionar por exemplo o gaúcho, nordestino (alagoano, pernambucano, bahiano) ou o sertanejo. Esses dialetos geográficos criam variedades dentro da unidade vernácula.⁶

1.2 Caso de outras colônias portuguesas

No caso de Angola e Moçambique se pode falar de uma diversidade maior porque apesar de que o português seja a língua oficial e única língua do ensino e de alfabetização, é a língua materna apenas da pequena minoria da população. Mas por outro lado existem muitas línguas nacionais que apresentam línguas maternas da maioria dos habitantes. Para a maior parte o português constitui a língua segunda e no mesmo tempo uma língua veicular. A maioria das línguas nacionais faladas nestes dois países são línguas de família bantu desempenhando o papel de línguas maternas da maioria da população. O português de Angola e Moçambique não sofreu muita influência da parte das línguas autóctones africanas, herdou apenas o léxico mas na verdade se trata de um português autêntico com uns traços arcaicos.⁷

⁵ Suzana Alice Marcelino Cardoso, Jacyra Andrade Mota, Rosa Virgínia Mattos e Silva, Quinhentos anos de história linguística do Brasil

⁶ Mattos e Silva, Rosa Virgínia. Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro

⁷ <http://www.cin.ufpe.br/~rac2/portugues/mundo.html> 14.3.2013

Os casos do Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau são ainda mais diferentes, se falam línguas crioulas, oriundas do português e das línguas africanas, que desempenham o papel de línguas vernáculas e nacionais. Os falantes são bilíngues, têm o crioulo como língua vernácula e o português como língua oficial, língua de cultura e do ensino mas ao mesmo tempo o português é a segunda língua que existe na situação de bilinguismo.

O uso do português em Macau, que foi administrado pelos portugueses até 1999, é muito baixo. Os falantes do português como a primeira língua são inferiores a 3%. Mesmo sendo a língua oficial, usada na administração, o português desempenha o papel da terceira língua seguindo a variedade cantonesa do chinês falada pela vasta maioria da população e o inglês tendo estatuto da segunda língua. No Timor, dirigido por Portugal até 1975, o português desempenha o papel de língua oficial junto com a língua tétum. Quanto à língua materna o português garante esta função só para os europeus e mestiços que se localizam neste território. O tétum é a língua veicular mas o português prevalece nos atos formais. Além destas duas línguas oficiais existem muitas línguas nacionais como búnaque, habo, mambai ou tocodede. O português é a segunda língua para os falantes da língua materna tétum enquanto para as pessoas que têm outra língua materna, ou seja uma das nacionais, o português desempenha o papel da terceira língua seguindo a língua veicular, isto é o tétum. No caso de Goa, o português era falado até 1961, mas com o fim do governo português a língua portuguesa, que na altura desempenhava o papel de língua oficial, foi substituída pela língua oficial konkani e pelo inglês. Como já não há falantes do português não vamos encontrar Goa no mapa dos territórios da língua portuguesa.⁸

⁸ <http://www.cin.ufpe.br/~rac2/portugues/brasil.html> 20.3.2013



Mapa 1: Português no mundo⁹

Resumindo os status do português dentro do mundo lusófono, sempre dependeram da duração temporal do governo dos portugueses e da localização que determinou o número dos colonizadores que chegaram de Portugal. Podemos provar esta afirmação nos referindo ao Brasil, Angola ou Moçambique. Nesses países economicamente vantajosos os portugueses ficaram muito tempo e assim deixaram marcas profundas na área das línguas enquanto nos países não tão significativos com a localização geográfica não atrativa como por exemplo Macau ou Goa não sobrou quase nenhuma herança do português.

⁹ <http://www.esep.pt/interneteb1/jornal/modules.php?name=News&file=article&sid=404> 14.3.2013

2. Desenvolvimento linguístico no território brasileiro

A análise da evolução histórica e social é necessária para entender a evolução linguística, ou seja é o desenvolvimento social das etnias que influenciou a situação linguística brasileira. Este capítulo dedica-se à cronologia complexa das línguas faladas no Brasil. Para uma melhor orientação e compreensão o capítulo está dividido em etapas, ou seja em séculos. Cada um dos períodos começa pela situação sócio-histórica, continua pelos grupos étnicos que habitaram o território brasileiro e acaba pelas línguas usadas por eles.

2.1 Situação sócio-histórica no Século XVI

No início do século XVI, após a descoberta do Brasil em 1500, muitos portugueses foram mandados a essa nova terra. Eles eram principalmente aventureiros, historiadores, jesuítas, cronistas que quiseram explorar o território, portugueses enviados para o exílio mas principalmente os colonizadores portugueses com objeto de colonizar e gerir todo o território brasileiro e assim criar um terreno fértil para a expansão do português. Mas quando os portugueses chegaram ao Brasil encontraram um país muito diferente do país deles, um país multilíngue, ou seja um país onde muitas tribos de línguas indígenas viveram.

No mesmo século esta colônia recém descoberta cresceu economicamente principalmente graças à produção de açúcar em engenhos. Assim foi necessário arranjar uma mão-de-obra, primeiro indígena e depois africana, cujo tráfico teve início em 1538, mas também era preciso que os portugueses fortalecessem o seu contingente para administrar a nova colônia.¹⁰

2.1.1 Grupos étnicos no Século XVI

Para descrever a situação das etnias escolhi os dados de Alberto Mussa, autor que se dedicou à reconstrução do português brasileiro e fez a diacronia da população brasileira a partir do século XVI até o século XIX. A sua diacronia tem por objeto principal mostrar o crescimento da população negra brasileira em relação aos africanos, mulatos e brancos

¹⁰ Jan Klíma, Dějiny Brazílie

brasileiros e de outro lado o decréscimo da população dos portugueses, índios e africanos.

Então no primeiro século da colonização podemos contar com três etnias que habitaram o território brasileiro. Segundo a demografia histórica feita pelo autor mencionado, no século XVI, desde 1538 até 1600, os índios integrados, ou seja os índios que se integraram na sociedade dos colonizadores, representaram 50% da população, os europeus representando 30% e os africanos que contabilizaram 20%.

O relato do José Anchieta do ano 1583 proporciona também informações sobre a pluralidade da população brasileira. Naquela época contando a Bahia, Pernambuco, São Vicente, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Porto Seguro, Ilhéus, Itamaracá mostra a existência de 24 750 europeus brancos, 18 500 índios e 14 100 negros africanos. Para a reconstrução da história linguística do Brasil é necessário levar em conta as informações desse tipo porque a proporção dos grupos étnicos resultou em situações diferentes nas quais se encontram as línguas.

2.1.1.1 Índios

Segundo a pesquisa de Aryon Rodrigues no ano 1500 viviam cerca de 5 000 000 indígenas no território brasileiro que corresponderam aos 1 500 povos diferenciados culturalmente e também linguisticamente.

O número dos índios integrados, que representaram 50% da população total no início do século XVI, foi diminuindo tanto pelas doenças trazidas pelos colonizadores como por massacres intencionais, o que resultou no decréscimo brutal da população indígena integrada para 2% em meados do século XIX. Os índios que não se integraram na sociedade do colonizador fugiram para os interiores brasileiros já que o processo colonial se concentrava no litoral.

Todos os linguistas e historiadores saíram das obras dos primeiros cronistas datadas da segunda metade do século XVI quando se faziam muitas expedições para descreverem novos territórios. Os cronistas também fizeram um mapeamento dos povos indígenas. Apenas graças a eles sabemos que os povos indígenas, falantes das línguas da família tupi-guarani

vinda do tronco tupi ocupavam quase toda a área litoral do Brasil indo até a bacia do Paraná e do Paraguai. Outros grupos indígenas como os tupinambá e os tupiniquim ocupavam também uns sítios no litoral brasileiro. Embora estas tribos falassem línguas muito próximas ou dialetos da mesma língua indígena, eram inimigos.¹¹



Mapa 2: Localização dos povos indígenas no século XVI¹²

Até o ano 1500 os indígenas levavam uma vida simples. Eles viviam da agricultura, da caça, da pesca e criavam animais, tudo isso usando instrumentos primitivos feitos das materiais da natureza, basicamente de madeira. Já naquela época seguiram muitas regras como principalmente religiosas mas também as políticas e sociais quanto à organização tribal. O que se refere ao contato com outras tribos, esse era feito apenas em momentos significativos, ou seja em situações de celebrações de casamento, de cerimônias fúnebres, de guerras ou para criarem alianças contra rivais comuns. Porém a chegada dos

¹¹ Além dos grupos indígenas já mencionados havia outros grupos também chamados de tupi ou de tapuias que viviam no interior do território brasileiro, mais especificamente no interior do Nordeste, do Brasil Central, no Sul, nomeadamente em áreas de São Paulo, Paraná e Santa Catarina, compostos de 76 grupos diferentes, ou seja de 76 nações, de línguas do tronco macro-jê e de costumes diferentes. O jesuíta Fernão Cardim descreveu este grupo indígena como gente muito brava e agressiva, de características contrárias aos índios pacíficos que viviam na costa brasileira.

¹² <http://historiapicaxambu.blogspot.sk/2013/03/pluralidade-na-organizacao-indigena-no.html> 10.4.2013

colonizadores portugueses mudou radicalmente a vida dos índios brasileiros. O contato inicial pode ser descrito como o de surpresa, admiração e até respeito. Os portugueses até mostraram muitas coisas novas aceitas pelos indígenas com gratidão. A transformação ocorreu quando aumentou o interesse dos portugueses por novas áreas no território brasileiro porque queriam dominar esses territórios e os índios ficaram no caminho deles. Assim os colonizadores considerando a etnia indígena como inferior tiveram a intenção primeiro de usar os índios aos serviços deles, ou seja escravizá-los, mas como não deu certo os portugueses passaram a matar esta população autóctone. Quanto às mulheres indígenas, essas eram capturadas e muitas vezes forçadas a viver com os colonos europeus e as crianças indígenas eram tiradas das famílias para receberem a educação nos colégios jesuítas e assim servirem aos portugueses. Os índios que sobreviveram, ou seja os índios integrados, perderam pouco a pouco os seus costumes e a sua cultura aceitando a cultura e a religião do colonizador. Esta perda da identidade indígena continuou através dos séculos.¹³

2.1.1.2 Europeus

De acordo com os dados históricos sabemos que os primeiros portugueses chegaram ao Brasil em 1500 mas a verdadeira colonização começou só por volta do ano 1530. A maioria das obras indica como início oficial o ano 1532 quando veio o primeiro grupo da expedição portuguesa sob o comando de Martim Afonso de Souza. A explicação mais provável porque os portugueses iniciaram a colonização depois de trinta anos é que na carta do Pero Vaz de Caminha se encontra uma informação de que o novo território não tem nada, além da madeira, para oferecer à coroa portuguesa. Por isso durante este período chamado de pré-colonial a nova colônia serviu apenas como uma fonte do pau-Brasil.¹⁴

Segundo o historiador Alberto Mussa, no primeiro século da colonização o número estimado de europeus, principalmente os portugueses, apresentou 30% da população. Eles chegaram para documentarem e colonizarem a nova terra. Os colonizadores portugueses vinham de territórios geograficamente diferentes, principalmente de Lisboa e Coimbra, e de classes

¹³ <http://www.suapesquisa.com/indios/> 15.3.2013

¹⁴ <http://brasilhistoria.blogspot.sk/2009/08/o-inicio-da-colonizacao.html> 16.3.2013

sociais diferentes, de governadores até condenados ao exílio. Este contingente colonizador se instalou no litoral brasileiro, que possuía condições geográficas similares à pátria deles, e se ocuparam com a exploração e com as matérias-primas minerais. Outro grupo de colonos que chegou na mesma altura foram os jesuítas, chegaram em 1549 junto com o primeiro governador Tomé de Souza, se dedicaram à educação fundando colégios, à difusão da fé católica e a cristianizar povos indígenas.¹⁵ Interessados pela nova área os portugueses não esperaram, nem imaginaram a dizimação dos índios e das suas línguas.

2.1.1.3 Africanos

A escravidão dos índios não atendeu aos interesses dos colonizadores porque os índios não estavam acostumados ao trabalho duro. E como o aprisionamento de índios gerava guerras constantes com as tribos, os portugueses tiveram que encontrar homens trabalhadores em outro lugar e começaram a se concentrar nas costas da África já colonizadas. As primeiras ondas de escravos africanos chegaram ao Brasil antes de 1538¹⁶, constituindo a maior parte da população na época e a maioria da força de trabalho usada na colônia. Já depois de cinquenta anos, ou seja no ano 1587 Gabriel Soares de Souza no seu Tratado descritivo do Brasil fez o relato sobre a sociedade multiétnica de Salvador, ou seja ele bem descreveu a época em que a população de escravos negros vindos de Guiné representava o dobro da população portuguesa e da indígena.¹⁷

No século XVI os portugueses importaram escravos da Guiné e subsequentemente distribuíram eles nos engenhos de açúcar no Nordeste onde trabalhavam duro e viviam em condições desumanas. Os africanos não serviam para os colonizadores apenas como mão-de-obra mas também como um tipo de mercadoria vendidos por comerciantes. As mulheres africanas serviam como escravas domésticas muitas vezes estupradas por senhores brancos.¹⁸

¹⁵ http://www.passeiweb.com/saiba_mais/fatos_historicos/brasil_america/chegada_dos_jesuitas 16.3.2013

¹⁶ Apesar do início oficial do tráfico dos africanos em 1538, primeiros escravos começaram a ser importados antes desta data, ou seja imediatamente depois do início da colonização em 1532.

¹⁷ <http://www.consciencia.org/tratado-descritivo-do-brasil-em-1587-gabriel-soares-de-souza> 10.3.2013

¹⁸ <http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/escravidao.htm> 16.3.2013

2.1.2 Línguas faladas no território brasileiro no Século XVI

Como acabamos de ver, no século XVI ocorreu no Brasil um encontro de três etnias completamente diferentes de qualquer ponto de vista. Assim a coexistência cotidiana destes povos num só território exigiu uma certa comunicação, já que cada grupo falava suas próprias línguas. Devido a rica variedade de línguas podemos caracterizar este século do ponto de vista linguístico como o período do multilinguismo generalizado. A comunicação começou por meio de gestos ou expressões faciais que pouco a pouco foram substituídas pelas variantes diferentes de línguas de intercomunicação.

2.1.2.1 Línguas indígenas

No início da colonização se usavam no Brasil mais de mil línguas autóctones tendo origem em vários grupos linguísticos. Quanto ao número exato das línguas indígenas no Brasil pré-colonial ou no início do século XVI quando vieram os portugueses esse é estimado por Aryon Rodrigues primeiro 1175 das quais quase 85% sumiram durante a dizimação dos índios no período colonial, e até hoje continuam desaparecendo junto com a morte dos seus falantes. Segundo Antônio Houaiss o número das línguas indígenas no passado era de cerca de 1500.

Os primeiros contatos entre os indígenas e os conquistadores europeus na costa brasileira foram principalmente mímicos, já que se usavam muitas línguas indígenas. Nesse território se falavam línguas do tronco tupi, especificamente línguas da família tupi-guarani. Foram estes três tribos que povoaram a costa, ou seja a tribo tupinambá localizada na costa baiana, a tribo tupiniquim ocupava o sul da Bahia até a costa paulista, a tribo tamoio era concentrada no litoral do Rio de Janeiro e a tribo guarani localizado no Sul e Sudeste do Brasil. Foram as línguas dessas tribos com as quais o português entrou em contato imediato no início da colonização. As línguas indígenas do tronco macro-jê entraram em contato com a língua do colonizador mais tarde, assim não são mencionadas em obras linguísticas da época, nem estudadas com tanta frequência como as línguas do tronco tupi.

Durante os primeiros anos da colonização o tupinambá, que desempenhava o papel da língua mais falada, foi usado como língua veicular na colônia e serviu para a população indígena. O encontro linguístico entre a língua tupinambá e o português resultou na obra do Padre José de Anchieta Gramática da língua mais usada na costa do Brasil. Esta gramática

permitiu a comunicação entre indígenas e portugueses. Ao mesmo tempo esta obra é a obra fundamental para uma reconstrução da língua tupi.

Com os primeiros colonizadores começou a dizimação enorme dos índios e das línguas indígenas. Este processo incrível e cruel fez desaparecer centenas de línguas e milhares de índios já durante o primeiro século da colonização.¹⁹

2.1.2.2 Língua dos colonizadores

O português europeu, como língua nacional já unida e documentada no século XIII, chegou ao Brasil em 1500 com os primeiros colonizadores portugueses. Esta língua mesmo unificada possuía uma diversidade dialetal rica, o que quer dizer que a língua portuguesa ao chegar ao Brasil não tinha as características iguais. Como os colonizadores vinham de partes distintas de Portugal como da Estremadura, Beira, Alentejo e do Minho o português deles tinha características de lugares diferentes. Mesmo que a maioria deles tivesse vindo de Lisboa e Coimbra onde se fala o português padrão, isso não foi suficiente para este português puro se implantar no Brasil. Todo novo contingente de colonizadores portugueses que vieram ao Brasil alimentava esse novo tipo de português estabelecido no Brasil.²⁰

Quanto à diferença das variantes do português vindo da Europa, não se trata apenas de dialetos geográficos mas também de dialetos sociais. O status social influenciou também a língua. Havia muita diferença no que se refere ao português entre os portugueses que geriam a colônia e entre os colonos que desempenhavam o papel da mão-de-obra. Apenas a minoria da população portuguesa era letrada enquanto a maioria dos portugueses era analfabeta porque o letramento começa em Portugal só no século XVI. Então não podemos considerar o português chegado ao Brasil como língua homogênea. Assim durante os primeiros séculos coloniais nasceu no território brasileiro uma mistura dos dialetos regionais do português europeu.

¹⁹ http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300011 16.3.2013

²⁰ <http://www.espacoacademico.com.br/093/93pires.htm> 25.2. 2013

Segundo a Carta de Pero Vaz de Caminha os primeiros colonizadores portugueses, ou seja semeadores do português europeu, não vieram para o Brasil para ensinarem a falar português aos índios mas bem ao contrário eles vieram para aprenderem a falar a língua deles e assim mais tarde converter eles ao cristianismo e impor a eles a cultura europeia. Esta política linguística se implantou plenamente com os jesuítas da Companhia de Jesus que aprenderam e gramaticalizaram a língua indígena mais usada na costa.²¹

A situação linguística no século XVI mostra que o português não foi a língua dominante na colônia brasileira, representou apenas um de muitos idiomas falados nesse território multilíngue.

2.1.2.3 Línguas africanas

Como a língua portuguesa foi um dos meios da colonização os portugueses tiveram que impedir que as línguas africanas chegassem ao Brasil. Por isso aplicaram uma política muito cruel que começou já nos portos na África, ou seja primeiro misturaram escravos de muitos países diferentes com línguas maternas distintas para não se entenderem e deixaram eles algumas semanas até meses nos navios antes de proceder ao Brasil. Assim os portugueses conseguiram impedir a utilização das línguas africanas porque durante esse tempo os escravos tiveram que inventar uma língua veicular para se comunicar. Por isso o processo de importação dos escravos para o Brasil foi tão longo e complexo.

Com o tráfico negreiro chegaram ao Brasil umas 200 ou 300 línguas africanas. Podemos dividir estas línguas em dois grupos linguísticos, ambos provenientes do território oeste-africano. O primeiro grupo envolve as línguas africanas como por exemplo oeste atlântico, mande, kwa, benuê-congo e tchadico. O segundo grupo inclui a área bantu como Congo, Angola e Zaire e mais tarde também a costa leste principalmente Moçambique. Esta área foi praticamente homogênea. Segundo Alberto Mussa a língua bantu teve o maior número de falantes em cada período da colonização sendo 35% no século XVI. Apesar destes dados já sabemos que nenhuma língua africana foi falada no Brasil na época devido à política

²¹ <http://www.espacoacademico.com.br/093/93pires.htm> 16.3.2013

linguística da coroa portuguesa que ordenou misturar etnias africanas entre si para evitar rebeliões e conflitos.²²



Mapa 3: Tráfico negreiro²³

2.1.2.3.1 Processo da aquisição do português pelos africanos

Quando os africanos chegaram ao Brasil e começaram a viver ao lado de colonizadores tiveram que aprender a língua deles. Deste contato prolongado surgiu o pidgin, ou seja a língua de emergência com os traços da língua dominante, neste caso do português e do saber linguístico dos africanos, ou seja de base das suas línguas maternas. O pidgin africano era uma língua simples mas eficaz que desempenhava o papel da língua veicular entre os portugueses e os africanos. Este tipo da língua foi mais tarde complexificado quanto à gramática e ao léxico e expandido e assim se tornou a língua materna para as gerações descendentes criando um novo tipo de língua, que foi expandido pelo território brasileiro.

Como já foi dito devido à política linguística estabelecida pelos portugueses os escravos vindos ao Brasil tiveram que aprender outras línguas para se comunicarem, só que eles podiam aprender línguas faladas no Brasil na época apenas na oralidade, o que quer dizer que não tiveram acesso à nenhuma normatização escolar. Era obrigação dos senhores

²² Heliana Mello, Cléo V. Altenhofen, Tommaso Raso, Os contatos linguísticos no Brasil

²³http://2.bp.blogspot.com/mUzsFdf6BTI/T66QxpdU5I/AAAAAAAAAbQ/tXQ90dipAFc/s1600/mapa_escravidao.gif 10.4.2013

portugueses ensinar uma base de português aos escravos desembarcados para que conseguissem entender as ordens. Para eles este conhecimento mínimo de língua foi suficiente. O caso diferente foi o dos escravos domésticos, esses se tornaram bilíngues porque ficaram o tempo todo na companhia dos portugueses enquanto os filhos desses escravos foram criados com os filhos dos senhores e assim já nem falavam a língua africana dos seus pais ou seja um tipo de língua geral africana.²⁴

Para concluir a situação linguística no século XVI penso que seja útil resumir os pontos referenciais. Neste século se falaram milhares de línguas no Brasil, ou seja muitas línguas indígenas, principalmente o tupinambá que passou a ser usado como a língua geral no século XVII servindo para a intercomunicação dos portugueses com os índios. Outra língua foi o português pidgin surgido do contato entre os africanos e os portugueses e o português que foi falado apenas pelos colonizadores. Porém, apesar de os portugueses terem tido muita vontade de difundir essa língua no território brasileiro neste século não encontraram a compreensão do povo indígena a esse respeito.²⁵

²⁴ A língua geral africana é um termo da profesora Rosa Virgínia Mattos e Silva que se refere a uma língua que consistiu de traços comuns de línguas africanas misturados com o português. Esta língua serviu para a população africana como a língua veicular até aprenderem falar a língua dos colonizadores.

²⁵ José Luiz Fiorin, Margarida Petter, África no Brasil, a formação da língua portuguesa

2.2 Situação sócio-histórica nos Séculos XVII e XVIII

No século XVII cresceu o número de quilombos, locais que serviram para os negros africanos que fugiram dos senhores portugueses. Mesmo que estes sítios de fuga tenham surgido nos finais do século XVI, começaram a ser usados de forma significativa um século mais tarde. Os quilombos não agruparam somente os escravos africanos mas também os índios e brancos pobres que fugiram da escravidão e se aliaram e formaram grupos pequenos e começaram a criar suas próprias economias. Na época do século XVIII tinha muitos quilombos, sobretudo situados no Nordeste, como por exemplo o quilombo do Ambrósio e o Quilombo Grande em Minas Gerais, o quilombo do Piolho no Maranhão e mais do que 25 quilombos na Bahia. Além desses quilombos existiam centenas também no Amazonas e no Rio Grande do Sul.²⁶

Nesse período o Brasil se encontrava na situação econômica muito difícil porque como o território expandiu faltavam escravos africanos e na colônia começou a ocorrer um declínio gradual. A falta da mão-de-obra foi causada pelas revoltas de escravos e de índios que queriam se liberar e fugiram para os quilombos nos interiores brasileiros. Esta ação iniciou o surgimento dos bandeirantes, homens armados que tiveram por objetivo o desbravamento no país. Eles fizeram expedições nos territórios interiores, ou seja a conquista das áreas afastadas, para capturarem os índios e africanos que tinham desistido das suas obrigações. Os colonizadores já não se concentraram apenas no litoral mas começaram a fazer expedições também nos interiores do Brasil.²⁷

Mais um fato que complicou a vida dos colonizadores no Brasil foi a presença dos colonizadores holandeses que chegaram em 1624 para conquistarem o mercado da produção açucareira.²⁸ Os colonizadores portugueses e a população local brasileira se mobilizaram em conflitos para expulsar os holandeses da colônia brasileira. Mas a expulsão final aconteceu só alguns anos depois da ajuda dos militares que vieram de Portugal.

²⁶ José Luiz Fiorin, Margarida Petter, África no Brasil, a formação da língua portuguesa

²⁷ <http://www.historiadobrasil.net/bandeirantes/> 16.3.2013

²⁸ Do início da colonização os holandeses se envolveram à produção do açúcar no Brasil, emprestaram dinheiro para as plantações de açúcar serem criadas e faziam a distribuição de açúcar que veio a Lisboa. Esta cooperação entre Portugal e a Holanda foi muito importante. Mas tudo mudou em 1580 quando a Espanha conquistou Portugal e assim começou a governar a economia brasileira. Em 1581 os holandeses ganharam a independência da Espanha e decidiram voltar ao Brasil para retomar os interesses econômicos.

Finalmente em 1654 os holandeses deixaram o Brasil e os colonos portugueses podiam se dedicar plenamente à descoberta de territórios no interior e assim povoar estas terras.²⁹

A situação económica da colônia melhorou no início do século XVIII com a descoberta das pedras preciosas, ou seja do ouro e diamantes, em Minas Gerais. Devido a esta prosperidade chegaram pessoas e aventureiros com objetivo de encontrar estas riquezas, o que resultou em guerras contra os senhores da colônia. Esta situação exigiu o aumento da importação de mão-de-obra africana. O número dos africanos aumentou de tal jeito que resultou em rebeliões e guerras contra os colonizadores.

Os jesuítas da Companhia de Jesus se dedicaram plenamente à cristianização e à educação dos povos indígenas. Mas nessa época ocorreram no Brasil muitas lutas entre a igreja e o governo, ou seja entre os jesuítas que catequisaram a população indígena e construíram os colégios e o Marquês de Pombal, o representante despótico do reino de Portugal que fez reformas administrativas para consolidar a monarquia portuguesa. Este conflito se referiu à escravidão dos indígenas. Os portugueses sempre precisaram de mais trabalhadores para tirar todos os recursos da terra brasileira, escravizaram também os povos indígenas. Os jesuítas foram contra esta prática e começaram a apoiar os índios e a lutar ao lado deles contra os portugueses. Como o Pombal queria usar todos os lucros que vieram das colônias, principalmente do Brasil, tomou medidas para acabar com a disputa entre os jesuítas e os colonos portugueses. A resolução do conflito foi a expulsão dos jesuítas do Brasil em 1759 acusados de atividades ilegais contra o governo. Esta decisão se mostrou muito vantajosa para o Pombal, tanto economicamente como linguisticamente.³⁰

No final do século XVIII ocorreu um evento social muito importante em Minas Gerais. Em 1789, no tempo da plena mineiração ocorreu a revolta da população brasileira, a Inconfidência Mineira, que lutou pela libertação da opressão portuguesa. Os brasileiros tiveram que pagar impostos muito altos para o rei de Portugal. Com a redução de barras de ouro esses impostos aumentaram ainda mais porque os portugueses queriam cumprir requisitos previstos à qualquer preço. Quando alguma região não conseguiu a produção

²⁹ <http://www.escolakids.com/invasoes-holandesas-no-brasil.htm> 19.4.2013

³⁰ <http://www.brasilecola.com/historiab/reformas-pombalinas.htm> 16.3.2013

exigida os militares da coroa entraram nas casas dos habitantes e tomaram tudo que era de valor para satisfazer a necessidade financeira.³¹

Apesar de que os portugueses conseguiram suprimir esta rebelião, a insatisfação do povo brasileiro estava aumentando cada vez mais tentando procurar uma solução para esta falta do respeito da parte dos portugueses que empobreceram a colônia brasileira. Este acontecimento pode ser considerado como passo inicial a independência do Brasil.

2.2.1 Grupos étnicos nos Séculos XVII e XVIII

Em comparação com o século XVI a população desde o século XVII tornou-se mais diversa pela vinda de etnias novas. Enquanto no primeiro século depois do descobrimento do Brasil podemos falar apenas de três etnias, quer dizer dos europeus, índios e africanos um século mais tarde com os descendentes nascidos a população enriqueceu com os brancos brasileiros, ou seja os descendentes dos portugueses nascidos no Brasil, negros brasileiros, ou seja os descendentes dos africanos nascidos no Brasil, e mulatos, ou seja os descendentes dos portugueses e dos africanos. Nesta época devem ter nascido também mamelucos, ou seja descendentes dos africanos e dos índios, e mestiços, ou seja descendentes dos índios e brancos. Apesar disso estas duas minorias não são mencionadas nos dados demográficos oficiais porque provavelmente o número deles era insignificante em comparação por exemplo com a população mulata.

Quanto à situação no século XVIII, esta muda ainda mais sendo caracterizada pelo descenso dos indígenas, dos africanos e também dos portugueses. No verso se nota o crescimento dos mulatos e dos brancos já nascidos no Brasil.

2.2.1.1 Índios, Europeus e Africanos

O número dos índios integrados foi diminuindo em razão da dizimação brutal ou pelas doenças desde o século XVI. De 50% no século XVI diminuiu para 10% no século XVII e posteriormente para 8% no século XVIII.

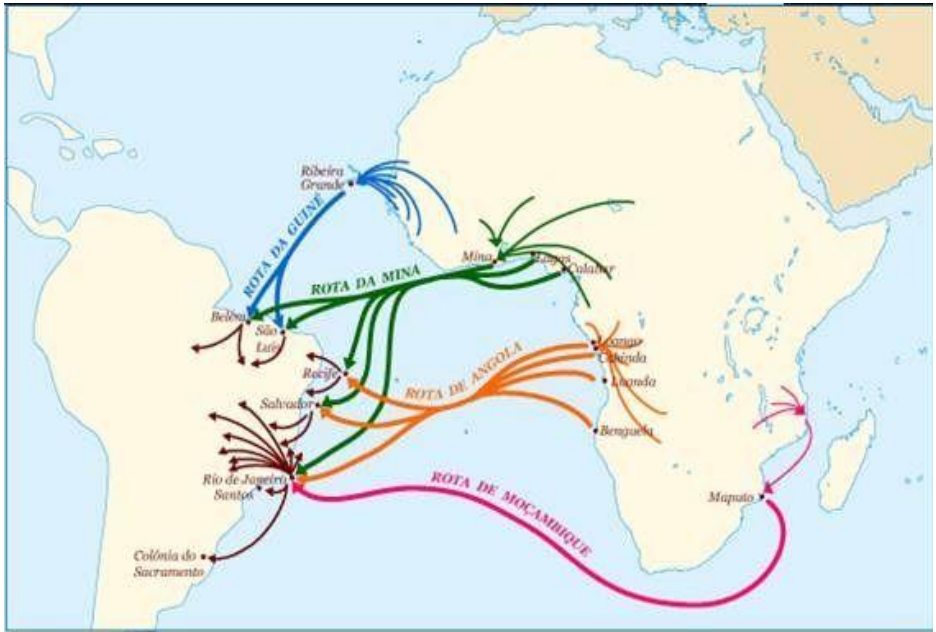
³¹ http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/inconfidencia_mineira.htm 17.3.2013

O número dos europeus diminuiu também, de 30% no século XVI para 25% no século XVII e para 22% no século XVIII. Esta redução do número dos europeus não significa que menos colonizadores chegaram mas sim é o resultado da mesclagem dos brancos principalmente com os escravos africanos criando a população mulata e também do novo elemento, ou seja dos descendentes dos brancos já nascidos no Brasil chamados de brancos brasileiros.

A percentagem dos africanos subiu de 20% no século XVI para 30% no século XVII e caiu novamente para 20% no século XVIII. Assim podemos reparar que o número dos africanos diminuiu no século XVIII, o que não quer dizer que os escravos eram menos urgentes mas sim que já no século XVII nasceram assim chamados negros brasileiros, ou seja os descendentes dos escravos africanos nascidos no Brasil.³²

A mão-de-obra escrava era necessária durante muitos séculos no Brasil. Nos finais do século XVII e no século XVIII aumentou a demanda por escravos principalmente devido à busca de pedras preciosas e metais valiosos. Os escravos trazidos para o Brasil nesta época procederam do Congo, de Angola, do Benin e da Costa de Mina que corresponde a Gana atual. A maioria deles foram mandados para as Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás onde era necessária mão-de-obra africana na mineiração de ouro e de diamantes. Mais tarde esta mão-de-obra fundamental foi trazida para o Rio de Janeiro por conta das lavouras açucareiras.

³² Alberto Mussa, O papel das línguas africanas na história do português do Brasil



Mapa 4: Ciclos do tráfico de escravos africanos³³



Mapa 5: Quilombos no Brasil na época da colonização³⁴

³³ <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/discovirtual/galerias/imagem/0000001299/0000015769.jpg> 19.4.2013

³⁴ <http://wwwgruconto.blogspot.sk/2010/05/sobre-comunidade-quilombola.html> 19.4.2013

2.2.1.2 Brancos brasileiros, mulatos e negros brasileiros

Um novo componente da população brasileira, os brancos brasileiros, nasceu no século XVII e representou 5% da sociedade da época, mas no século XVIII aumentou para 10%. Este componente foi representado pelos descendentes dos colonizadores, governantes, senhores, aventureiros e historiógrafos que chegaram ao Brasil no início da colonização.

Da mescla dos brancos e dos escravos africanos nasceram os mulatos. Este novo elemento étnico era o produto do abuso de empregadas domésticas pelos senhores brancos. Na maioria dos casos as escravas negras foram estupradas pelos seus senhores. No século XVII o número dos mulatos foi 10% e no século XVIII virou o dobro aumentando para 19%.

Os filhos dos escravos negros nascidos no Brasil viraram também um novo componente do povo. Esses descendentes eram predestinados a desempenharem o papel da feitura como os seus pais. No século XVII os negros brasileiros representaram 20% da população brasileira. Esta percentagem ficou quase intocada no século seguinte, ou seja 21%.

2.2.2 Línguas faladas nos Séculos XVII e XVIII

Como a colonização foi realizada numa escala maior aumentava também a necessidade de uma linguagem comum. Mas nem o processo colonizador nem o evangelizador durante as primeiras décadas da colonização conseguiu promover o português até ao ponto de ser usado como a língua de comunicação. Além deste problema, no início do século XVII o português teve que enfrentar a língua de colonizadores holandeses que ocuparam o território brasileiro durante três décadas.

Apesar da ideia de difusão do português foram sempre apenas as línguas indígenas que desempenharam o papel de meios de intercomunicação. Mesmo que o objeto da catequização fosse homogeneizar, os jesuítas tiveram que inventar uma língua que servisse como uma interlíngua para os brancos e indígenas. Os jesuítas tiveram que construir essa língua com base nos elementos das línguas indígenas, ou seja com base na língua tupi, e

disso surgiu o chamado tupi jesuítico. Esta língua se tornou a língua mais falada na costa brasileira, onde se concentravam os colonizadores brancos e também índios de várias tribos. Também era chamada da língua geral da costa ou da língua franca. Mais tarde nasceram outras línguas gerais indígenas, como por exemplo a língua geral paulista, a língua geral no nordeste chamada de cariri ou a língua geral da Amazônia de base tupinambá, o antepassado do nheengatu. Estas línguas gerais viraram a ser as línguas veiculares e serviram como as línguas de intercomunicação entre a população branca, negra e índia no Brasil. Mas de outro lado este tipo de intercomunicação usando uma língua geral impediu a predominância do português no Brasil.³⁵

No século XVIII se falavam muitas línguas no Brasil. Mesmo que o português geral brasileiro³⁶ fosse a língua de comunicação se usavam também línguas indígenas, línguas gerais indígenas já mencionadas, línguas africanas e também línguas gerais africanas entre os escravos que trabalhavam em Minas.³⁷

A situação linguística nos quilombos era até mais específica, lá se usava uma variedade grande de falas ou seja falas africanas, o português africanizado, falas indígenas, o português indígena e também se usava o português. Nem nos estudos que se ocuparam de quilombos se fala sobre a língua exata que foi usada nesse agrupamento de pessoas de várias etnias, existem apenas especulações. Alguns linguistas consideram a possibilidade que a língua usada devia ter sido uma língua comum marcada pelas línguas maternas dos membros de quilombos ou também podia ter sido uma variação de bantu. Esta língua foi uma variante do português com muitos elementos africanos e assim as pessoas fora do quilombo não podiam entender ela. É muito provável que cada um dos quilombos teve a sua própria língua que dependeu da composição da população que vivia lá.

Em princípio, a sociedade brasileira nos séculos XVII e XVIII era unida pelas duas línguas principais usadas pela maioria dos falantes, ou seja pela língua geral e pelo português.

³⁵ Wagner Carvalho de Argolo Nobre, Introdução à história das línguas gerais no Brasil

³⁶ Trata-se de uma expressão criada e utilizada pela Professora Rosa Virgínia Mattos e Silva que significa para ela o português adquirido imperfeitamente por negros e índios e transmitido aos seus descendentes. Assim o português geral brasileiro seria o antecessor histórico do que hoje se chama de português popular brasileiro.

³⁷ A mistura de línguas africanas, que tiveram por base a língua bantu, é chamada de língua geral de Minas.

2.2.2.1 Línguas gerais

O termo línguas gerais se refere a línguas que surgiram do contato com o português europeu e com as línguas indígenas do tronco tupi e da família tupi-guarani também chamadas de línguas gerais indígenas ou de base indígena. Como a mestiçagem aumentou e a presença dos portugueses diminuiu, os portugueses não podiam negar este predomínio e a importância de línguas indígenas. Assim se formou um solo fértil para a formação de línguas gerais brasileiras.

Como já foi dito, a base de catequese dos jesuítas foi aprender a usar as línguas da colônia, eles conseguiram gradualmente dominar as línguas locais usadas pelos índios. Eles adquiriram uma língua indígena da base tupinambá que foi designada por eles como a língua mais falada na costa do Brasil ou também como a língua brasílica. Mais tarde esta língua foi gramaticalizada pelos jesuítas, principalmente pelo Padre José de Anchieta, para que os brancos conseguissem aprender e usá-la na intercomunicação com os indígenas. Esta língua geral serviu como a língua veicular de comunicação na Capitania da Bahia mas também passou a desempenhar o papel de língua materna para os descendentes de todas as étnias que nasceram no território onde a maioria da população falava a língua geral.

Também os índios integrados e já alfabetizados usaram este manual para aprenderem a língua geral e assim conseguirem se comunicar com os povos dominadores. Assim a língua geral foi difundida muito rápido e tornou-se língua de colonização que foi transmitida pela forma oral não controlada, o que quer dizer que os povos, cujo número estava aumentando cada vez mais, aprenderam esta língua pelo processo de aquisição imperfeita porque não tiveram como acessar a aquisição escolarizada desta língua. Assim por todos esses fatores a língua geral, falada principalmente na área central e meridional se difundindo para o norte no século XVII, recebeu o status de língua heterogênea. Até hoje podemos ver marcas desta língua sobreviventes na língua nheengatu falada na Amazônia.³⁸

Segundo os estudos históricos e linguísticos a língua geral foi cada vez mais difundida e num território tão grande como é o brasileiro foi impossível evitar a sua fragmentação em

³⁸ <http://contextohistorico.blog.terra.com.br/category/6-imagens-da-exclusao/602-linguas-gerais-do-brasil/>
17.3.2013

variações regionais, o que resultou na existência de mais línguas gerais. Segundo a documentação disponível Aryon Rodrigues distingue mais duas línguas gerais, a língua geral paulista e a língua geral amazônica, ambas sendo os descendentes da língua geral³⁹, usadas como modo de comunicação e também como modo de catequização do povo indígena. Como estas duas línguas surgiram para facilitar a comunicação com os colonizadores da Europa é óbvio que sofreram então a influência do português e de outras línguas indígenas.⁴⁰

O linguista Aryon Rodrigues não acha a designação de língua geral muito precisa. Segundo ele o nome de língua geral começou a ser usado no século XVIII não para designar uma língua mas sim para designar as duas línguas gerais. Primeira é a língua geral amazônica que teve origem na língua tupinambá usada na colonização da Amazônia e que sobreviveu parcialmente na língua *nheengatu* até hoje falada no Rio Negro e na área da fronteira com a Venezuela. A segunda língua geral chamada de língua geral paulista ou língua geral do Sul de base tupiniquim e guarani, falada pelos índios guarani principalmente na área entre o litoral do Paraná até o Rio da Prata que corresponde hoje ao território de Argentina e Uruguai, desempenhou o papel da língua usada na conquista dos interiores brasileiros pelos bandeirantes.⁴¹

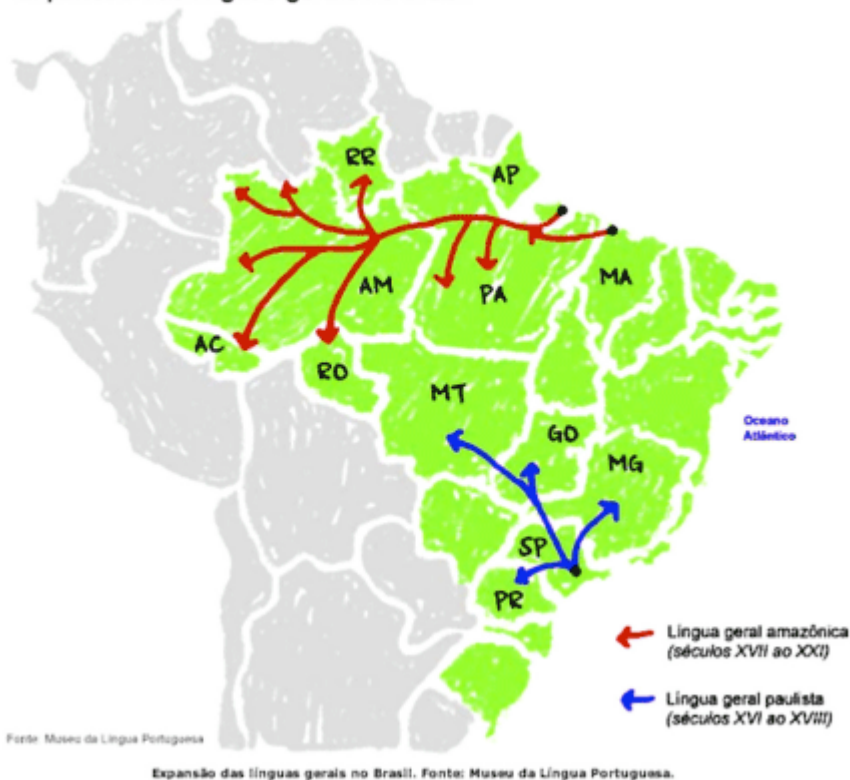
Como vimos a denominação de línguas gerais até hoje causa umas incertezas resultante da origem destas línguas. Podemos acreditar que estas dúvidas podem ser causadas pelo fracionamento da língua geral em dialetos regionais.

³⁹ Os linguistas não estão unidos na questão de origem das duas línguas gerais. Uns dizem que tanto a língua geral paulista como a língua geral amazônica têm origem na língua geral, outros dizem que ambas têm origem na língua tupinambá e que a língua geral passou a ser chamada a língua geral paulista.

⁴⁰ Wagner Carvalho de Argolo Nobre, Introdução à história das línguas gerais no Brasil

⁴¹ Segundo atropólogo John Manuel Monteiro a língua dos bandeirantes poderia ter sido o português mal aprendido difundido pelos aloglotas ou seja o precedente do português geral brasileiro que mais tarde virou a ser o português popular que desempenha o papel da língua vernácula.

Expansão das línguas gerais no Brasil



Mapa 6: Línguas gerais no Brasil⁴²

2.2.2.2 Português

Os europeus e brancos brasileiros, que adquiriram o português dos seus pais, eram únicos difusores do português mais próximo do português europeu no Brasil. Mas é necessário chamar atenção para o fato de que com cada geração dos brancos brasileiros, ou seja dos descendentes dos europeus que falaram português, o português se afastava gradualmente do português que tinha chegado com os primeiros colonizadores.

O ano 1757 foi o momento muito importante se não o mais importante para a política linguística brasileira em favor do português. O Marquês de Pombal mudou o futuro

⁴² <https://www.google.com.br/search?q=linguas+gerais&hl=pt-BR&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=7UIGUcneM8igtAbYzIHdW&ved=0CFAQsAQ&biw=1366&bih=643#imgrc=zVWuseZ3L8erVM%3A%3BisEL90IL4Jyp6M%3Bhttp%253A%252F%252Fcontextohistorico.blog.terra.com.br%252Ffiles%252F2009%252F12%252Fgerais1.gif%3Bhttp%253A%252F%252Fcontextohistorico.blog.terra.com.br%252Fcategory%252F6-imagens-da-exclusao%252F602-linguas-gerais-do-brasil%252F%3B436%3B414>
17.3.2013

linguístico do Brasil que poderia ter sido um país multilíngue ou de uma língua indígena e proclamou o português como a língua oficial da colônia e como a língua obrigatória na documentação oficial e no ensino.

2.2.2.3 Política linguística pombalina

Como já mencionei neste capítulo a população indígena e portuguesa usaram as línguas gerais como modo de intercomunicação entre si. Mas a reforma do Marquês de Pombal em 1757 proibiu o uso de outras línguas, ou seja das línguas gerais e do latim, que era de rigor entre os jesuítas, em favor do português. Esta decisão despótica foi motivada somente pelo ódio aos jesuítas e pela vontade de destruir a obra linguística deles.

Antes do estabelecimento da política linguística pombalina o elemento fundamental que escolarizava foram os jesuítas da Companhia de Jesus. Só que nas escolas menores de jesuítas o ensino do português não foi objetivo principal. Os alunos estudavam também o latim, a retórica, a filosofia e a teologia moral. Foi essa falta da ênfase colocada no ensino da língua portuguesa que levou o Pombal a fazer reformas e criar escolas de letras.

No século XVIII o português ganhou o status de língua oficial. A escolarização foi feita em português enquanto o ensino fornecido pelos jesuítas tinha caráter de catequese na língua geral da costa e em latim. Assim a política pombalina ajudou o português a obter uma posição dominante na sociedade brasileira sob a forma da fala popular, quer dizer sob a forma do português geral brasileiro.

2.2.2.4 Português geral brasileiro

O português geral brasileiro, ou seja o português mal aprendido por aloglotas, existia já desde o século XVII. Os difusores principais desta língua eram os negros africanos cuja maior parte chegou ao Brasil nessa época. Segundo Mussa não se pode negar a participação dos africanos na formação do português brasileiro. Entre os autores que se dedicaram a esta

problemática sempre existe um consenso em relação ao fato de que línguas africanas não tiveram oportunidade de se instalarem no Brasil. A razão principal foi a política linguística do tráfico negreiro de impedir que os escravos se comunicassem em suas línguas. Quando chegaram ao Brasil tiveram que se comunicar de algum jeito e assim tiveram à disposição o registro rico de línguas, ou seja línguas indígenas, línguas gerais indígenas ou a língua de dominação portuguesa. Eles escolheram a língua dos seus senhores portugueses mas alguns deles já adquiriram umas bases do português durante o tempo até chegaram ao Brasil. Então os africanos e os seus descendentes que chegaram ao Brasil no início da colonização aprenderam o português, ou seja o português geral brasileiro. Na verdade adquiriram apenas a forma falada desta língua pela difusão oral. Com esta língua adquirida da forma imperfeita os escravos se espalharam por todo o território brasileiro desempenhando as funções diferentes como mão-de-obra na açucareira ou atividades dentro das famílias dos colonizadores. O português mal aprendido e mal falado foi muito variável, incluiu a grande escala de variantes do português, desde variantes pidginizadas até variantes já bem semelhantes ao português de Portugal.

Na segunda metade do século XVIII o português brasileiro estava com pouca influência das línguas indígenas, observada apenas na área do vocabulário, já que os índios foram integrados, dizimados ou aqueles que sobreviveram fugiram aos locais protegidos.

A situação linguística nestes dois séculos mudou muito comparando com o século XVI. Quanto às línguas indígenas desde o século XVII com o enriquecimento por novas etnias não eram só os indígenas e os jesuítas que falaram línguas indígenas mas também os africanos e alguns brancos que chegaram ao Brasil sozinhos e entraram nas comunidades indígenas. Um século mais tarde estas línguas autóctones gradualmente deixaram de ser usadas devido à morte dos seus falantes. Nasceram também novas línguas, ou seja línguas gerais indígenas entre as quais a língua geral da costa era a mais falada e considerada como o antecedente do português geral brasileiro e línguas gerais africanas sobre as quais não temos muitas informações, sabemos apenas que foram faladas nas áreas onde muitos africanos eram situados como por exemplo nas áreas de mineiração e nos quilombos. Quanto ao português falado no Brasil nessa época já teve maior número de falantes contando também com a população branca brasileira.

Mas apesar do status de língua oficial da colônia que o português chegou a ganhar não se pode falar sobre a vitória do português europeu. Apesar do português europeu ter desempenhado o papel modelador isso não foi suficiente para que o português falado no Brasil tivesse características próprias ao português europeu. O português brasileiro no seu desenvolvimento escolhia entre as possibilidades das línguas indígenas, africanas e da língua portuguesa falada na Europa apenas elementos estruturalmente simples e linguisticamente menos marcados.

2.3 Situação sócio-histórica nos Séculos XIX e XX

O período dos séculos XIX e XX foi muito rico em acontecimentos históricos que influenciaram o Brasil não apenas do ponto de vista linguístico mas também do ponto de vista geral. Nesta época ocorreram muitas reconfigurações socioculturais, políticas e linguísticas. As primeiras começaram já na segunda metade do século XVIII, ou seja as reformas pombalinas que resultaram em que o português se tornou a língua oficial da colônia e também a língua da escolarização, mas outras reformas estavam por chegar.

Em 1808 aconteceu o fato mais importante desta época, ou seja a transferência da sede do Reino de Portugal para o Rio de Janeiro, que virou a nova capital do reino, contando com uma população de mais do que 15 mil portugueses. Esta ação foi motivada pelo ataque de Portugal, que não respeitou o bloqueio continental, por Napoleão Bonaparte em 1807. Com a implantação da família real no Brasil começou a lusitanização do Brasil. Foi ainda no mesmo ano que a família real fundou o primeiro banco chamado de Banco do Brasil e elaboraram a imprensa chamada de Imprensa Régia para a publicação de obras literárias. Fundaram a Academia Real Militar e muitas outras escolas porque a educação foi um dos objetos mais importantes quanto à lusitanização. Mais tarde foram criados museus e bibliotecas.

Desde o ano 1808 começou também a urbanização. Foram principalmente os brancos que se estabeleceram nas cidades onde tiveram o acesso à escolarização enquanto outras etnias viviam em áreas rurais sem acesso à educação. Quer dizer que a lusitanização foi reforçada dentro das classes sociais privilegiadas.

A urbanização foi motivada pela industrialização que começou entre os anos 1808 e 1840. Surgiram muitas fábricas e oficinas de trabalho basicamente em Minas Gerais, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Estas fábricas produziram alimentos, sabão, seda, lã, vidro, rapé, telecelagem, óleo mas também fizeram o derretimento de metal ou de ferro. Quanto à mão-de-obra as fábricas empregaram os trabalhadores mas também os escravos africanos.

Depois da chegada da família real começaram a chegar os imigrantes, primeiro os portugueses, depois os imigrantes de outros países. A imigração era muito importante para

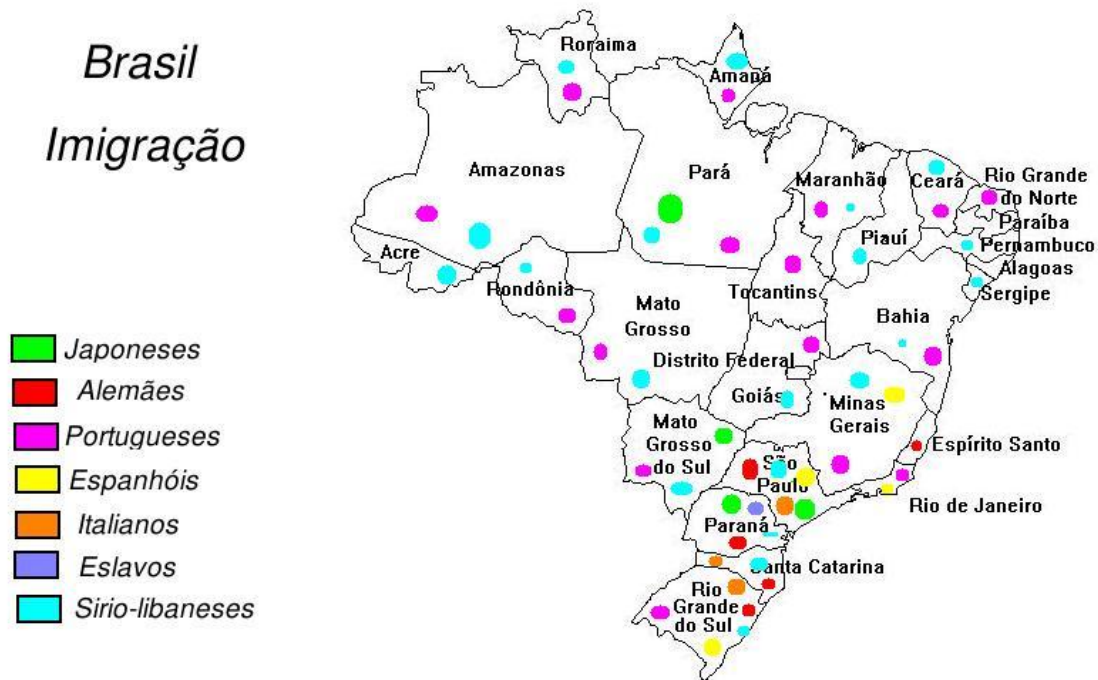
a prosperidade e a diversificação da econômica do Brasil. A imigração se massificou em 1818 durante o reinado do João VI, quando chegaram muitos suíços para o Rio de Janeiro, e continuou em grande número depois da Independência do Brasil.

A independência abriu ainda mais o caminho para os imigrantes que estavam de busca de novas oportunidades de trabalho. Os grupos linguísticos maiores que chegaram ao Brasil eram sem dúvida o árabe, japonês, chinês, coreano, inglês, holandês, espanhol, italiano e o alemão. A partir de 1824 devido aos problemas econômicos nos países europeus, chegaram os alemães, mais ou menos cinco mil pessoas, e austríacos que se estabeleceram no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, ucranianos e poloneses se instalaram no Paraná, os italianos se situaram em São Paulo onde há até hoje cidades habitadas apenas por italianos, os turcos se instalaram nas regiões da Amazônia. Os árabes começaram a vir desde o ano 1876, o ano da visita do Líbano por D. Pedro II, até 1940 se instalando em São Paulo, no Rio de Janeiro e no Espírito Santo. A presença de espanhóis é datada desde o final do século XVI. A segunda onda imigratória dos holandeses, a primeira ocorreu no século XVII com a intenção de colonizar o país, chegou em meados do século XX situando se no território paulista. Em 1908 começaram a chegar os japoneses que se situaram no interior paulista. Na segunda metade do século XX chegaram os coreanos e chineses. Os imigrantes desempenharam o papel da mão-de-obra muito necessária para o desenvolvimento do Brasil, trabalhavam em áreas diversas de negócio, nas fazendas de café, nas indústrias e na área de agricultura.

Os acontecimentos históricos em Portugal em 1820 exigiram a volta do rei João VI. que regressou deixando o filho dele, o príncipe Pedro I., no Brasil. Desde a chegada da família portuguesa os brasileiros se sentiram mais importantes, o território deles já tinha todos os pressupostos necessários para conseguir funcionar de forma independente. Apesar das respostas negativas de Portugal, que não queria perder a sua colônia que fornecia muitas matérias-primas para os portugueses durante séculos, o Brasil proclamou a sua independência em 1822 liderada por Pedro I.⁴³

⁴³ Jan Klíma, Dějiny Brazílie

Brasil Imigração



Mapa 7: Imigração no Brasil⁴⁴

No século XIX começaram a surgir muitas organizações mundiais que exigiram a libertação dos escravos. Também no Brasil surgiu o movimento abolicionista. Em 1870 no Sul do Brasil os escravos eram substituídos pelos imigrantes que trabalhavam nas indústrias enquanto no Nordeste, onde os imigrantes não chegaram, a mão-de-obra africana era sempre necessária mas não na mesma quantidade que antes. As primeiras fases da extinção da escravidão ocorreram em 1850 e 1871 quando os filhos dos escravos nascidos depois desta data eram livres. Com a Lei Áurea assinada pela princesa Isabel em 1888 ocorreu a libertação final e indiscutível dos escravos negros no Brasil.⁴⁵

Em 1891 o Brasil se tornou a República Federativa mudando o estatuto de províncias para os estados federais. Este período republicano é dividido em duas fases, no período da República Velha e no período da República Nova que continua até hoje.

Na primeira metade do século XX, em 1922, ocorreu a Semana de Arte Moderna de São Paulo. O objetivo principal deste evento foi o rompimento com o passado, ou seja a libertação de arte brasileira de modelos europeus, e a criação de uma cultura nacional

⁴⁴ <http://thayzacastroalves.blogspot.sk/2012/06/geografia-mapa-da-imigracao-do-brasil.html> 17.3.2013

⁴⁵ <http://www.historiadobrasil.net/abolicaoadaescravatura/> 17.3.2013

propriamente brasileira. A Semana de Arte Moderna inspirou as elites brasileiras para se ocuparem com necessidade de definição da nação brasileira, ou seja de tudo o que era brasileiro. Foi nessa época que surgiu a ideia de renovação da cultura brasileira também na área de língua. Os modernistas proclamaram o uso da língua que caracteriza a população nacional, quer dizer o uso do português brasileiro sem regulamentos próprios ao português europeu.⁴⁶

2.3.1 Grupos étnicos

No ano 1808 o Brasil atingiu uma população de 4 milhões. O Rio de Janeiro ao tornar-se a capital do reino de Portugal recebeu nesse ano por volta de 15 mil portugueses que vieram junto com a família real, o que na verdade dobrou a população urbana, e mais 20 mil índios e negros representaram a população de periferia.

Com base nos dados demográficos de A. Mussa no século XIX diminuiu bastante a presença dos índios integrados e dos africanos. Como o resultado desse fato a percentagem dos negros brasileiros caiu também enquanto a população mulata estava aumentando. A população branca cresce a partir da segunda metade do século XIX com a chegada de imigrantes e com a política migratória do Império transferido para o Brasil. Quanto aos europeus, esses estavam menos numerosos enquanto o número dos brancos brasileiros estava crescendo não só porque contaram os descendentes dos colonizadores, ou seja principalmente dos portugueses, mas também porque contaram os imigrantes, que começaram a chegar nesse período, e os seus descendentes.

Com o fluxo migratório chegou ao Brasil também uma nova etnia, a asiática representada por japoneses, chineses, coreanos e os seus descendentes chamados de brasileiros asiáticos, ou brasileiros amarelos.

⁴⁶ <http://www.infoescola.com/artes/semana-de-arte-moderna/> 20.4.2013

2.3.1.1 População índia e negra

Como eu já indiquei antes, o componente indígena e negro alcançou neste período a maior queda, ou seja na primeira metade do século XIX contamos com apenas 4% dos índios e na segunda metade só com 2%. Nos últimos anos da colonização o número estimado de indígenas é 800 000, hoje em dia se fala sobre cerca de 250 000 indígenas que falam 180 línguas indígenas. Além deles há indígenas que se integraram à comunidade colonial mas o número desta população também continuou caindo ao longo da colonização.

O número dos africanos, que nessa época estavam concentrados nas lavouras cafeeiras na área de Minas Gerais, ocupando São Paulo, até o Rio de Janeiro, caiu de 12% na primeira para 2% na segunda metade do século XIX.⁴⁷ Segundo os dados histórico-demográficos pode parecer que estas duas etnias sofreram uma extinção muito grande, mas é preciso perceber que esses dados contam apenas com a população indígena e negra integrada, o que quer dizer que tinha muito mais índios e africanos concentrados nos quilombos.

De um lado podemos ver o decréscimo da população africana e de um outro lado sabemos que entre os anos 1825 e 1855 a importação de escravos para o Brasil aumentou, ou seja massificou. Já não tinha nenhuma seleção entre os escravos porque foi precisa muita mão-de-obra em Salvador.⁴⁸

Agora pode surgir a pergunta de que como é possível que apesar da chegada de muitos escravos esses continuaram representando uma percentagem tão pequena segundo os dados históricos. A resposta é muito fácil, ou seja como a população no Brasil estava crescendo de forma constante devido à chegada de novos elementos étnicos, a percentagem total teve que ser dividida entre mais componentes sociais, o que quer dizer que os africanos representaram a percentagem menor apesar de que na realidade o número

⁴⁷ A distribuição de escravos africanos no início do século XIX foi mais ou menos equilibrada, ou seja na região Norte tinha 27,3%, na Nordeste 33%, na Leste 28,1%, na Sul 28,9%, na Centro-oeste 40,7% e na Média 30%. Mas é necessário mencionar que estes dados não contém os escravos que eram livres e os que fugiram para quilombos, ou seja viviam nos locais ilegítimos. Como no século XIX a onda de rebelião foi muito intensa os quilombos contaram milhares de escravos e índios.

⁴⁸ Foi nessa época que línguas de minorias africanas penetraram no Brasil, mas foram usadas apenas como jargão ou como línguas secretas.

deles poderia até ter crescido. Quanto aos negros brasileiros, ou seja os descendentes dos africanos, esses representaram 19% no início do século XIX e 13% no seu final.

2.3.1.2 População mulata e branca brasileira

O número dos mulatos atingiu o seu pico no século XIX. Com 34% em 1850 e 42% em 1890 este étnico virou o mais numeroso, já que se trata dos descendentes de duas etnias que nos séculos anteriores sempre atingiam o maior número de representantes. O fato de mulatos terem estado mais numerosos nesta época se reflete bem na população brasileira de hoje.

Segundo a tabela da demografia histórica do Brasil de A. Mussa na segunda metade do século XIX o número da população branca aumentou para 41%, contando os brancos brasileiros e os europeus, porque chegaram portugueses não mais como colonizadores mas sim como imigrantes.⁴⁹ Segundo os dados de Fausto na sua obra História do Brasil os brancos em geral representaram uns 30% da população total brasileira não fazendo nenhuma diferença entre os europeus e os seus descendentes chamados de brancos brasileiros. A população dos brancos brasileiros, ou seja os descendentes dos colonizadores portugueses representou 17% no início e 24% no final deste século.

2.3.1.3 Europeus

Apesar da chegada da família real portuguesa o número dos europeus, ou seja dos portugueses não continuou crescendo mas sim ao contrário. Pois como a terra brasileira já foi colonizada e descrita, não tinha mais tantos aventureiros chegando como foi nos primeiros séculos. O número dos portugueses que chegaram com a corte portuguesa na primeira metade do século XIX foi bem inferior ao número dos colonizadores que tinham

⁴⁹Quanto ao elemento branco o Alberto Mussa conta apenas com os brancos brasileiros, ou seja os descendentes dos colonizadores portugueses e com os europeus, ou seja os imigrantes portugueses, mas como ele se concentra principalmente em falantes brancos do português não considera de maneira explícita outros grupos de imigrantes brancos que também vieram da Europa e grupos que vieram da Ásia.

chegado no início da colonização. Os portugueses que chegaram no início do século XIX representaram 14% da população. Depois de uns cinquenta anos a população dos europeus cresceu um pouco, ou seja para 17% principalmente graças aos imigrantes que chegaram da Alemanha e da Itália.

2.3.1.4 Imigrantes

Podemos dizer que a imigração ao Brasil estava ocorrendo durante toda a colonização. No início apenas os portugueses, falantes de português e cronistas europeus que chegaram exercendo o estatuto de primeiros imigrantes. Só na época do Império as imigrações fortaleceram e a sua frequência cresceu rapidamente. A transferência da própria corte portuguesa pode ser considerada como a maior imigração para o Brasil contando milhares de portugueses. Durante o reino de D. Pedro e D. Pedro II vieram sobretudo os falantes de alemão e de italiano. O maior fluxo imigratório ocorreu entre os anos 1887 e 1930, principalmente depois da Primeira Guerra Mundial. No final do século XIX vieram para o Brasil mais que 1 200 000 imigrantes europeus e asiáticos. Estes imigrantes se instalaram sobretudo no Sul, ou seja de São Paulo ao Rio Grande do Sul. Segundo os dados históricos dizem que de 1882 a 1934 imigraram para o Brasil mais que 4,5 milhões de pessoas.

2.3.2 Línguas faladas nos Séculos XIX e XX

Com a mudança percentual de componentes da sociedade mudou também a situação linguística já que o corpo social enfraqueceu em dois elementos, ou seja os africanos e os índios integrados enquanto ganhou o crescimento da população brasileira e um número muito grande de imigrantes, ou seja europeus, principalmente os portugueses, italianos e alemães mas também os imigrantes asiáticos. As línguas mais faladas no Brasil nessa época eram o português como a língua oficial e as línguas de imigrantes.

Com a instalação do Reino de Portugal no Rio de Janeiro começa a se difundir a relusitanização em muitas áreas mas principalmente se nota na área da língua. A nova capital recebe as características do português europeu, sobretudo assim chamado

chimento das sibilantes que sobreviveu até hoje como uma das características do português carioca adotadas do português de Portugal.

A existência da imprensa serve muito para a difusão do português europeu através das obras literárias ou não-literárias produzidas em todo o território. Devido à distribuição da documentação em português o multilinguismo generalizado sobretudo entre as populações africanas e seus descendentes e também entre luso-descendentes e descendentes dos indígenas vira a ser o multilinguismo localizado só em poucas partes no século XIX. Mas com a chegada dos imigrantes com suas línguas chegou outra configuração do multilinguismo localizado no Sul e Sudeste do Brasil enquanto as línguas indígenas usadas pelos indígenas sobreviventes se localizaram na Amazônia e na parte centro-oeste do território.⁵⁰

No final deste capítulo complexo é muito útil fazer uma conclusão final da evolução linguística depois de quinhentos anos da história brasileira. O português europeu vindo com os seus colonos imediatamente entrou em contato com muitas línguas indígenas. Essas eram mais tarde misturadas com o português criando línguas gerais, ou seja as línguas do uso bem expandido. Este espaço multilíngue foi enriquecido também pelas línguas africanas. A situação mudou com a dizimação dos índios e com a aquisição da forma oral ou seja imperfeita do português pelos africanos. Assim como a maior parte da população era formada pelos africanos o português mesmo mal falado se difundiu por todo o território e foi misturado com todas as línguas faladas no território. Com o século XVIII e a política linguística pombalina o português começou a desempenhar o papel da língua oficial da colônia e o multilinguismo generalizado passou a ser o multilinguismo localizado só em algumas partes onde há populações indígenas sobreviventes conservando as suas línguas e culturas, sobretudo na Amazônia e na parte central-oeste do Brasil ou onde tem a grande concentração de imigrantes como por exemplo no Sul. No século XIX com os imigrantes chegaram também outras línguas de vários pontos do mundo. Sem dúvida o fator fundamental que apoiou o uso do português, ou seja o homogeneizador linguístico, foi a vinda da família real portuguesa ao Rio de Janeiro em 1808. Com a corte portuguesa chegaram muitos portugueses que se espalharam por todo o território, primeiro usando e

⁵⁰ Rodolfo Ilari, Renato Basso, O português da gente

difundindo o português deles mas com o tempo eles adotaram o português já falado no território brasileiro, ou seja o português geral brasileiro que tinha sido difundido pelos africanos. Este português desempenhou o papel de segunda língua para os imigrantes. No século XX não ocorreram nenhuma mudança quanto à forma da língua falada no Brasil, apenas passou a ser designada como o português popular brasileiro em vez do português geral brasileiro.⁵¹

⁵¹ Heliana Mello, Cléo V. Altenhofen, Tommaso Raso, Os contatos linguísticos no Brasil

3. Evolução do status do português no Brasil através dos séculos

Como acabamos de ver, a posição que o português ocupava na sociedade brasileira, desde a colonização até aos nossos dias, variava bastante, desde a língua do colonizador até a língua oficial do país. Podemos dizer que todo século trouxe algumas mudanças na área do uso do português que resultaram no nascimento daquilo que hoje denominamos o português brasileiro.

A evolução do português brasileiro pode ser dividida em dois períodos importantes cujos acontecimentos históricos e políticos participaram na mudança do status desta língua. O primeiro período é o colonial em que o português usado no Brasil desempenhava o papel do dialeto do português de Portugal. No período pós-colonial o português brasileiro virou ser denominado a variedade do português europeu.⁵² A fronteira entre estes dois períodos é a Independência do Brasil em 1822 quando o Brasil passou a ser um estado autônomo.

3.1 Língua do colonizador

Desde o descobrimento da terra brasílica se falava do Brasil como da colônia de Portugal. Durante os primeiros três séculos da dominação dos portugueses o Brasil serviu como um depósito de minerais e de ouro para a coroa portuguesa. Apesar dos portugueses terem se achado superiores em relação a outras etnias, a língua deles não ganhou o status de língua proeminente no início da colonização, bem ao contrário, pois os portugueses formavam a minoria da população.⁵³

Com o início da colonização, em 1532, o português veio da Europa, contribuiu ao multilinguismo brasileiro, mas não ganhou um papel importante entre a população. Serviu apenas como língua de intercomunicação para os colonizadores portugueses ou seja desempenhou o papel de língua do presígio social somente para os brancos. Até o objetivo

⁵² Neste caso é preciso perceber a diferença básica entre estes dois termos. O dialeto é usado por uma parte da população, ou seja dos falantes da mesma língua, dentro de um território enquanto a variante ou variedade é um mecanismo de comunicação usado por toda a população de um país.

⁵³ Paul Teyssier, História da língua portuguesa

dos jesuítas nesse período foi entender e aprender a falar a língua tupinambá para conseguir mais tarde espalhar o português. Com um pouco de exagero, podemos dizer que no século XVI o português permaneceu em isolamento, ou seja esse tempo do primeiro século da colônia o português apenas coexistia com mais do que mil línguas autóctones. A situação começou a mudar no século XVII quando o português encontrou a sua aplicação na língua geral da costa.

3.2 Português como base da língua geral

Os portugueses já não poderiam negar a existência de tantas línguas indígenas porque perceberam a necessidade da comunicação com o povo indígena. Os jesuítas resolveram este problema pela formação da língua geral. Esta língua foi criada dos elementos da língua tupinambá e do português e serviu como a língua de intercomunicação entre a população branca e indígena. Assim desde o século XVII até o século XIX o Brasil tinha dois idiomas nacionais, a língua geral e a língua portuguesa.

Assim podemos ver que no segundo século da colonização o português ganhou certa importância avançou na sua posição na sociedade porque alguns elementos desta língua começaram a ser usados na fala cotidiana pelos índios.

3.3 Português a partir da segunda metade do século XVIII até a Independência

No século XVIII o status do português se estabiliza com a política pombalina que proibiu o uso da língua geral. Em 1759, por iniciativa de Pombal, o português se tornou a língua oficial da colônia e a escolarização já foi feita somente em português. Assim a partir do século XVIII o português no Brasil representa tanto a língua oficial como a língua nacional. A família real portuguesa chegou já a um território da língua portuguesa cuja difusão foi feita sem obstáculos usando principalmente a publicação dos livros, jornais e revistas.⁵⁴

⁵⁴http://www.redescola.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=525:artigo&catid=89:portugues&Itemid=72 28.2.2013

Os portugueses vindos ao Brasil falavam o português normativo ou seja o português padrão enquanto a população brasileira falava o português formado no Brasil considerado pelos portugueses como o português mal falado. A diferença entre estas duas línguas foi tão evidente que levou às primeiras tentativas de distinguir o português brasileiro do europeu.⁵⁵

3.4 Português após a Independência

Logo após a independência estas tentativas foram realizadas pela parte dos escritores românticos. Eles procuraram separar o português brasileiro, que caracterizava a nação brasileira, do português europeu e que na realidade era usado somente pelos brasileiros escolarizados. Um dos pioneiros que começou a usar a língua literária de forma diferente à do português padrão foi José de Alencar. A iniciativa dele foi muito criticada pela parte dos autores portugueses. Ele recusava o purismo linguístico do português europeu e tentava buscar certa individualidade no uso das expressões e das palavras novas. Devido a sua originalidade, foi acusado de usar uma língua diferente, quer dizer incorreta. Com o tempo cada vez mais autores começaram a usar nas suas obras a língua do povo, cheia dos termos brasileiros. Mas por outro lado havia ainda autores fiéis ao tradicionalismo português como por exemplo o Machado de Assis.⁵⁶

Depois da Independência aumentou a consciência nacional e o desejo de ter uma língua própria, pois esta é uma das marcas fundamentais de uma nação independente. Uma parte da elite escolarizada falava o português padrão, mas a maioria da elite literária de origem brasileira era contra o uso do português europeu. Autores brasileiros proclamaram o uso do português brasileiro e assim defenderam o interesse de classes sociais de nível mais baixo para as quais o português europeu não era aceitável já que estas não tinham acesso à escolarização e não entenderam o português padrão.

⁵⁵ Suzana Cardoso, Jacyra Mota, Rosa Virgínia Mattos e Silva, Quinhentos anos de história linguística do Brasil

⁵⁶ Paul Teyssier, História da língua portuguesa

3.4.1 Semana de Arte Moderna

No século XX, que é considerado como época nacionalista, a questão do problema da língua voltou. Em 1922 surgiu a ideia de provar uma originalidade brasileira em todas as áreas. O estímulo original para esta renovação e modernização em todos os campos da cultura no Brasil foi a Semana de Arte Moderna de São Paulo. Na realidade demorou um século depois da Independência para o Brasil ganhar certa autenticidade e independência no campo da cultura. Depois desse ano a consciência nacional aumentou e os autores preferiam escrever na língua própria do Brasil recusando as regras gramaticais do português tradicional. É a obra do autor Mário de Andrade que pode ser considerada como um exemplo do que pode ser chamado o *brasileirismo* puro, ou seja a língua livre dos traços gramaticais tradicionais próprios ao português europeu. A pergunta que surge, falando de libertação das regras gramaticais tradicionais, é se todos os autores perceberam esta libertação do mesmo jeito. A resposta é óbvia, ou seja cada um dos escritores percebeu esta renovação linguística do jeito individual resultante principalmente da origem e caráter do autor. Enquanto uns usavam os *brasileirismos* deixando espaço para a língua clássica (ex. Graciliano Ramos) outros usam uma língua quase idêntica à língua popular na sua forma oral. Apesar desta vitória da originalidade brasileira no campo da língua os autores modernistas não elaboraram nenhuma obra linguística marcante, deixaram as marcas só na prática, nos seus livros.

O ponto de vista dos modernistas se encontrou com uma resposta positiva das pessoas comuns para as quais foi muito mais fácil continuar usando o português popular brasileiro com que já estavam acostumadas, do que usar uma língua tradicional, usada em Portugal, que não tinha nada a ver com o caráter da nação brasileira. O início do século XX foi o mais significativo quanto à questão linguística porque antecedeu a promulgação do português brasileiro como língua nacional e mais tarde como língua oficial.⁵⁷

⁵⁷ Paul Teyssier, História da língua portuguesa

3.4.2 Português como língua nacional e oficial

Neste capítulo vimos que cada mudança de status do português brasileiro através dos séculos dependeu das políticas linguísticas na história do Brasil. Enquanto a primeira política linguística, aquela que propunha fazer do Brasil uma terra da língua portuguesa falhou, a política linguística dos jesuítas, que preferia aprender a língua dos indígenas, deu certo. Desta iniciativa nasceu mais tarde a língua geral baseada na língua mais falada na costa do Brasil. Depois, em meados do século XVIII com a política linguística pombalina, o português se torna a língua oficial do Brasil. Foi a política de Pombal que impediu que o Brasil se tornasse um país de língua indígena.

Apesar das tentativas nacionalistas e linguísticas aceitas pela população brasileira, a atribuição de algum status ao português brasileiro demorou muito. A primeira constituição, que abrangeu a importância do status da língua, foi a do ano 1934, quando o português brasileiro foi proclamado como língua nacional. Nas constituições de 1946 e de 1967 nada mudou e o status de língua nacional foi conservado. Como acabamos de ver, as constituições do século XX proclamaram o português como língua nacional, apenas para afirmarem a obrigação do ensino que teve que ser feito em língua nacional. Só em 1988 finalmente o português passou a desempenhar o status de língua oficial e também de língua nacional juntamente com as línguas indígenas.

No período colonial, como o Brasil era a colônia dependente da coroa portuguesa, o português foi designado como dialeto. Quer dizer que a língua usada no Brasil foi, e continua sendo, a língua com a origem no português europeu. O primeiro status adquirido pelo português no Brasil foi o de língua oficial da colônia no século XVIII mas este regulamento pombalino não foi respeitado por todos os falantes já que o uso de línguas gerais foi muito difundido. Quanto ao status de língua oficial, após 1822 demorou mais que um século e meio até o português brasileiro ganhar o prestígio de ser além da língua nacional também a língua oficial do país. Podemos concluir que o status do português sempre esteve conectado à proporção da população branca, isto é, à população dos portugueses e dos brancos brasileiros. Como quase em todos os períodos da história

brasileira o número de brancos, ou seja falantes do português, foi superior ao número de falantes de outras línguas, o progresso do português foi muito provável.

Desde o início da escolarização no século XIX começou-se a falar sobre a designação da língua falada no Brasil e sobre a norma linguística brasileira. Assim o caráter do português falado no Brasil se tornou assunto de muitas opiniões controversas. Como vimos neste capítulo, no início do século XIX surgiram muitas manifestações sobre a diversidade existente entre o português brasileiro e o de Portugal. Desde o início da linguística moderna no século XX, os linguistas tentam classificar esta língua. Mas no caminho científico eles tiveram que enfrentar três problemas principais, ou seja o problema de como chamar esta língua, o problema da norma e a questão da gramática.

4. Classificação da língua no Brasil

Segundo o desenvolvimento do status do português do Brasil podemos notar que este foi muito variável já que o português não era a língua dominante. O português ganhou o status de língua oficial da colônia no século XVIII durante o governo de Pombal, dois séculos mais tarde o português foi proclamado pela constituição como língua oficial de um país independente. A demora deste processo foi causada pelo fato de que até hoje não é completamente claro em que medida o português brasileiro se relaciona com o português europeu, ou seja até que ponto este idioma é peculiar e até que ponto depende do português europeu. Agora vamos ver de que ângulo o português do Brasil tem sido tratado durante a sua evolução.

4.1 Designação do português brasileiro

Nos finais do século XIX, o linguista português José Leite de Vasconcelos com base nos conhecimentos históricos e nas relações entre o português e as suas formas adquiridas no além-mar, usou o termo dialeto brasileiro para nomear a variante da língua portuguesa na América.⁵⁸ Este título foi aceito integralmente porque naquela época ainda não existia tanto interesse pela classificação da língua do Brasil entre a população geral, mas sim entre os escritores dos quais a maioria já usava a fala brasileira nas suas obras.⁵⁹ (ver capítulo 3.2)

Na primeira metade do século passado surgiram muitos debates sobre a definição do português brasileiro e suas variantes nacionais. Todos os autores, filólogos e linguistas encorajam o entendimento da formação do português brasileiro no ramo da sócio-história brasileira.

Hoje em dia, graças a esta pressão e aos progressos na ciência linguística, principalmente na dialetologia, o termo dialeto não é muito aceitável devido a falta da aprovação científica já que sabemos que o dialeto exprime certa subordinação, quer dizer dependência.

⁵⁸ Desde o ano 1822, a partir do qual o Brasil já não fazia parte do Reino de Portugal, então não deveria se falar mais do dialeto do português europeu. Mesmo que o português brasileiro tenha origem na mesma língua esta já não é falada no mesmo território, mas sim no território independente.

⁵⁹ Rosa Virgínia Mattos e Silva, Ensaios para uma sócio-história do português brasileiro

No século XX nasceu uma disputa entre os linguistas quanto ao idioma do Brasil. Uns argumentaram que se tratava de uma variante do português enquanto outros defenderam que a língua do Brasil era uma língua independente oriunda do português. O avanço ocorreu em 1968 no XII Congresso de Linguística e Filologia Românicas em Bucareste onde o professor Guéorgui Stepanov nomeou o português falado no Brasil como variante nacional, ou seja a variante do português que é usada pela nação toda e ao mesmo tempo desempenha o papel da língua oficial.

Porém, até hoje existem vários nomes para o idioma falado no Brasil, como por exemplo o brasileirês, a modalidade brasileira, a variedade brasileira, o português do Brasil, a língua brasileira ou o português brasileiro. Serafim da Silva Neto, pioneiro quanto à linguística brasileira, usava na sua obra a designação a língua portuguesa no Brasil. Celso Cunha, fala sobre a variedade brasileira da língua portuguesa. Paul Tessier fala sobre o português do Brasil e já distingue a norma brasileira da norma do português europeu. Em 1970 começou a ser usado o português brasileiro como nome para a língua oficial do Brasil de acordo com os estudos científicos sobre a história linguística do Brasil, enquanto até então, o que se usava oficialmente foi a designação nacionalista, ou seja a língua brasileira. Quanto às opiniões da nova geração de linguistas, eles não consideram o português falado no Brasil a língua brasileira, segundo Souza da Silveira, especialista em filologia portuguesa, não existe a língua brasileira mas sim a modalidade brasileira da língua portuguesa. Voltando à designação brasileirês, este nome começou a ser usado após a independência, e hoje em dia designa só a fala popular, ou seja o português popular brasileiro. E para finalizar, às vezes o português no Brasil de hoje é ainda chamado de dialeto por público leigo mesmo que Portugal e o Brasil sejam dois países diferentes, com leis e regras distintas. O termo oficial da variedade do português é muito mais aceitável para a população brasileira.⁶⁰

Resumindo, o problema da designação do idioma do Brasil nos mostra que nem somos capazes de denominar esta língua. Como vimos, o nome de dialeto não é apropriado mas o nome de variedade brasileira do português também não é correto porque a definição duma

⁶⁰ <http://www.infoescola.com/linguistica/influencias-linguisticas-no-portugues/> 18.3.2013

variedade linguística de uma língua exige que essa tenha norma fixa. Porém, o português no Brasil ainda não a tem.

4.2 Problemática da norma

Antes de falar da norma, é importante refletir sobre porque precisamos dela. A função mais importante de uma língua é desempenhar o papel de um meio de educação. Mas essa só pode ser feita numa língua unida, isto é normativizada, para que todos consigam se comunicar. Para a escolarização de massas populacionais de classes sociais diferentes é fundamental estabelecer uma norma linguística que ajudaria a fazer uma fronteira entre a fala correta e a fala errada. Acabámos de ver que a norma era necessária mas para a criação dela temos que enfrentar outro problema, ou seja quais características linguísticas são aceitáveis para o estabelecimento da norma padrão.⁶¹ Mesmo que o padrão brasileiro real ainda não exista temos à disposição uma variedade de normas secundárias.

4.2.1 Norma padrão, norma culta, norma popular

Desde o início do século XX, a língua do Brasil na sua diversidade de nomes e normas atrai atenção de muitos linguistas. A maioria deles distingue três tipos de norma, quer dizer a norma prescritiva, ou seja a norma padrão definida pelas gramáticas normativas, a norma culta usada pela sociedade letrada e a norma popular, ou seja vernácula usada por um setor amplo da população. Apesar desta divisão das normas os linguistas não são capazes de entrar em acordo quanto às normas do português brasileiro e nem como é a norma padrão.

Vários linguistas compreendem e designam a norma linguística brasileira de maneira diferente. Por exemplo Lucchesi, que se dedicou à linguística contemporânea, demonstra que o português brasileiro não é apenas heterogêneo e variável, como a maioria dos linguistas já tinha explicado, mas também plural e polarizado. Isto porque dentro do sistema do português falado no Brasil ele indica três concepções de normas. A primeira é a norma padrão ou seja o conceito das regras prescritas pela gramática normativa. A segunda é a

⁶¹ A norma padrão de uma língua é um conjunto codificado de regras que define o uso correto de uma língua. É uma regra de comportamento linguístico que deveria ser aceita por todos os falantes, principalmente na forma escrita.

norma culta que é usada pela classe dos escolarizados ou dos falantes com o nível do ensino superior. A terceira é a norma vernácula, a fala da classe baixa não escolarizada.⁶²

Segundo ele a norma culta, ou seja os padrões usados pela população escolarizada e da classe média e alta, gradualmente perde os elementos que ainda a aproximam do português europeu. A norma culta demonstra como uma forma de língua modelo na forma escrita e como a língua das classes do prestígio social. A norma culta é como deveria ser a língua correta. Quanto à norma vernácula, essa tenta ganhar características da norma culta. Alguns autores consideram as normas do português vernáculo ou popular como o português brasileiro autêntico.

Mattos e Silva propõe as seguintes concepções para o termo da norma. A norma normativo-prescritiva ou seja a norma-padrão. Depois ela distingue as normas normais ou seja sociais, se trata das normas que definem grupos sociais. Entre elas ela define uma norma sem prestígio social e uma norma de prestígio social que corresponde à norma culta.⁶³

Em resumo, podemos ver que na maioria dos casos concordam na existência de três normas básicas, ou seja na norma padrão, na norma culta e na norma vernácula popular.

O problema essencial quanto à norma padrão, quer dizer a norma linguística no Brasil, é que a norma padrão não corresponde à língua usada na realidade. Esta língua padrão é artificial, e se trata de um modelo lusitano de escrita fixado no século XIX. Os linguistas procuram impor aos falantes do português brasileiro uma língua padrão baseada no idioma de Portugal em vez de tentar descobrir o padrão natural criado espontaneamente na sociedade brasileira. Assim podemos perceber que este padrão ideal, que tenta se identificar com a norma portuguesa, entra em oposição com o padrão real, ou seja com o fato de como as pessoas se comunicam realmente entre si e que registro usam em dadas situações. Para criar uma norma puramente brasileira que fosse aceita por todos os níveis sociais seria preciso de escolher os elementos linguísticos próprios ao maior número dos falantes.

⁶² Marcos Bagno, Linguística da norma

⁶³ <http://pt.shvoong.com/humanities/1725967-classifica%C3%A7%C3%B5es-norma-portugu%C3%AAs-brasileiro/> 4.3.2013

A norma culta, ou seja a norma escrita, é a língua praticada pela classe escolarizada, e por ser muito próxima à norma padrão lusitana, estas às vezes se confundem. A diferença entre a norma culta e a padrão é que a norma culta é a expressão viva que está sempre em desenvolvimento enquanto a norma padrão é uma codificação fixa. A língua culta é usada pela população que é relacionada com a cultura escrita. Na maioria dos casos trata-se dos descendentes da classe portuguesa alta que veio ao Brasil. Assim o português europeu normativo ganhou umas características brasileiras e nasceu o português brasileiro culto. Esta norma culta é considerada como a fala correta.

A norma popular, isto é vernácula, é usada pela população não escolarizada e tem origem nos interiores do país onde se localizava a população pobre falando o português mal aprendido. A norma vernácula é considerada como a fala errada.

Devido à existência de tantos nomes podemos sentir uma incompreensão desta área linguística. Como vimos a situação linguística no Brasil é muito complexa principalmente devido ao fato de que o padrão linguístico não é objetivamente conhecido. A norma, ou seja uma organização estrutural que poderia caracterizar uma língua e ao mesmo tempo permitir aos seus falantes falar gramaticalmente correto, no caso do português falado no Brasil, não existe. Mas existe uma multiplicidade de normas vernáculas, cultas e literárias que causam a polarização do português brasileiro. Assim a heterogeneidade real da situação linguística se opõe à homogeneidade artificial da norma padrão ideal. A heterogeneidade social desta língua permite a comunicação entre os falantes do português culto brasileiro e os falantes do português popular brasileiro. Esta riqueza de possibilidades linguísticas do português brasileiro infelizmente não é suficiente na área da escolarização onde a ausência da norma padrão causa problemas graves.⁶⁴

⁶⁴ Carlos Alberto Faraco, Norma culta brasileira

4.2.2 Ausência da norma padrão no sistema escolar

Até o início da escolarização no Brasil, o português brasileiro, que se formou durante o período da colonização até ao primeiro século da Independência, foi adquirido naturalmente entre a população apenas na oralidade, sem alguma escolarização ou norma. O fato interessante é que a situação escolar no século XX não conseguiu mudar esse fato. Ainda que o sistema escolar tenha melhorado muito, esta boa intenção de escolarizar o povo ficou sem se cumprir e o percentual de letrados não ultrapassa 25%.

Este baixo número de população letrada se deve, entre outros fatores, ao conflito entre a norma padrão artificial imposta que não é aceitável pela maioria e a norma padrão real que é ausente. Por um lado os professores que ensinam a língua portuguesa⁶⁵ seguem as gramáticas normativas baseadas no português europeu por outro lado sabemos que são principalmente as variantes orais, ou seja dialetos espaciais e verticais, que dominavam e sempre dominam o português brasileiro. Assim podemos ver que neste contexto existem duas línguas portuguesas, ou seja o português artificial, em que a educação é feita e o português realmente usado. Esta diferença resulta no fato de que muitas pessoas não conseguem concluir os estudos porque não entendem a língua imposta pelo sistema escolar que é diferente da língua usada na vida cotidiana.

Até hoje, quando os alunos das classes populares que falam o português popular entram na escola, têm que aprender a língua falada na escola, ou seja o português padrão europeu que é considerado a língua segunda. Por isso o acesso à escolarização se restringiu a uma minoria privilegiada da população que usa a língua culta que é próxima ao padrão lusitano. Assim a fala e a escrita, que deveria respeitar as regras normativas, dá um bom exemplo de diglossia da língua portuguesa do Brasil.

Assim, o estabelecimento da norma poderia melhorar a escolarização do país. Existem várias proposições de como criar a norma padrão brasileira. Uma parte dos linguistas pensa que a norma padrão brasileira deveria refletir a norma culta brasileira enquanto a outra parte inclina-se à norma literária escrita, feita pelos escritores brasileiros, que fica na fronteira

⁶⁵ Mesmo após a Independência do Brasil a maioria dos professores que ensinavam o português vinham de Portugal. Assim ensinavam esta língua pelas regras normativas.

entre a norma culta e a popular mas se aproxima mais à norma falada ou seja popular. Como a norma popular é bem mais difundida que a norma culta, é a língua da literatura brasileira que poderia servir como exemplo para a elaboração da norma padrão brasileira e assim substituir as gramáticas escolares artificiais pelas gramáticas reais e tornar a educação disponível para todos. No subcapítulo a seguir vamos ver quais características poderiam compor a norma brasileira.⁶⁶

4.3 Gramática do português brasileiro

Para concordarmos naquilo que é a norma padrão, temos que escolher as características gramaticais, fonéticas e lexicais que especificam este idioma e depois promulgar. Existem muitos traços típicos para o português brasileiro, mas o problema é que os próprios brasileiros não têm certeza de que traços são aceitáveis, e portanto adequados para criarem a norma padrão, e que são muito coloquiais.

O português do Brasil tem diferenças em todos os níveis, inclusive no da gramática, mas ela não foi codificada até agora. Ao longo da história ocorreram certas tentativas de registrar as diferenças gramaticais. Principalmente no século XX todos os linguistas, filólogos mas também historiadores e cientistas se ocupavam sobretudo pelas diferenças entre o português brasileiro e o europeu e pela fala das massas brasileiras.

Como já mencionei no capítulo 3, desde o ano 1970 esta variante nacional brasileira da língua portuguesa ganhou o nome de português brasileiro. Mas quanto à gramática do português brasileiro esta é, como a norma e o nome desta língua, o objeto da muita polêmica até hoje. É verdade que em 1922 durante o período modernista foi escrita a Gramatiquinha da Fala Brasileira por Mário de Andrade, que resumiu as regras da fala vernácula brasileira, mas nunca tem sido aceita como uma norma brasileira.

Foi só no fim do século XIX e no início do século XX que se tentou reconstruir uma gramática brasileira. Para investigar o momento exato do surgimento da gramática brasileira os

⁶⁶ Marcos Bagno, Linguística da norma

linguistas estudaram a documentação do mesmo tipo e do mesmo tempo produzida no Brasil e em Portugal para saberem se a documentação escrita no Brasil seria compatível com o português europeu ou com o português formado no território brasileiro.⁶⁷

Quanto à pesquisa que se refere à gramática do português brasileiro, muitos linguistas se baseiam na obra de Afrânio Gonçalves Barbosa chamada de *Para a história do português colonial: aspectos linguísticos em cartas de comércio*. Esta tese é a primeira que trata dos aspectos histórico-linguísticos do Brasil. O autor investiga a tipologia de documentos, sobretudo de cartas de comércio, do período colonial e aspectos linguísticos que diferenciam o português vindo da Europa do português constituído no Brasil, por exemplo a diferença entre estar a + infinitivo no português europeu e estar + gerúndio no português brasileiro. Estas cartas de comércio surgiram no século XVIII e serviram muito bem como o material linguístico para a análise do português europeu no território brasileiro. Nos finais do século XVIII nas cartas dos comerciantes portugueses que moravam no Brasil e as enviavam para comerciantes de Portugal já podemos observar uma língua um pouco modificada da língua falada em Portugal no mesmo tempo histórico.

As cartas comerciais mostram muito bem que já no fim do século XVIII existia uma diferença até entre os falantes da mesma língua, ou seja do português europeu mas moradores em lugares diferentes. Assim podemos pressupor que entre um brasileiro nascido no Brasil e o português europeu a diferença na língua deve ter sido ainda mais marcante. Apesar de que não seja possível determinar a data exata do surgimento da gramática no Brasil podemos concluir que as primeiras marcas da gramática brasileira, ou seja as marcas diferentes do português europeu, apareceram já nos finais do século XVIII e nos inícios do século XIX.⁶⁸

Como os traços típicos no nível da gramática, quer dizer os traços sintáticos e morfológicos, podemos citar o sistema dos pronomes, o uso do artigo e as perífrases verbais. O uso dos pronomes e do artigo varia segundo as classes sociais enquanto o uso das perífrases verbais é respeitado pela maioria da população, quer dizer tanto pela norma culta como pela norma vernácula.

⁶⁷ <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/portugues/0014.html> 18.3.2013

⁶⁸ Rosa Virgínia Mattos e Silva, *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*

4.3.1 Aspectos sintáticos e morfológicos

Na área da sintaxe existem três aspectos considerados como os mais importantes na diferenciação entre estas duas línguas. São o sistema diferente dos pronomes, o uso variável do artigo antes de possessivo adjetivado e as perífrases formadas no português brasileiro por estar, andar, viver + gerúndio enquanto em Portugal estes verbos são ligados à preposição a + infinitivo.

A posição dos clíticos é um dos aspectos mais importantes que diversifica o português, tendo sido muito debatido desde o início do século XIX. É neste aspecto que pode ser provado o conservadorismo, pois o português brasileiro conservou a próclise. Mas é importante mencionar que apenas o português popular brasileiro usa a próclise, por exemplo *Eles se encontraram na escola*. O português europeu e o português culto brasileiro usam a ênclise, ou seja *Eles encontraram-se na escola*.⁶⁹ Quanto à contração dos pronomes oblíquos átonos diretos e indiretos e à mesóclise no tempos verbais compostos, essas não existem no português brasileiro.

No Brasil, na maioria dos casos não se usa a segunda pessoa do singular *tu*, nem a segunda pessoa do plural *vós*. A segunda pessoa do singular é substituída por *você* e o uso de *nós* também não é tão frequente, sendo substituído por *a gente* seguido de verbo na terceira pessoa do singular. O pronome pessoal *você* cria uma confusão na forma do seu possessivo, por exemplo *Eu vi seu pai* que pode significar que eu vi teu pai ou eu vi o pai dele ou dela.

Voltando aos clíticos, sobretudo os da terceira pessoa ou seja *a, o, as, os, esses* não se usam no português popular brasileiro, pois foram substituídos pelos pronomes pessoais como por exemplo *Eu vi ela na faculdade* em vez de *Eu vi-a na faculdade*. *As vezes se fala também Eu a vi na faculdade*. No português culto brasileiro se usa a mesma forma do português europeu.

⁶⁹ Durante o período arcaico no português de Portugal se usava a ênclise, mais tarde no século XVI, no português quinhentista os clíticos se colocavam na posição proclítica e mais tarde os clíticos voltaram a ser usados como antes, ou seja na posição ênclítica. O português brasileiro conservou esta próclise quinhentista que foi usada no português europeu no início da colonização.

Quanto ao pronome clítico *lhe* que é o pronome de dativo ou seja do objeto indireto é usado no Brasil na forma do acusativo ou seja do objeto direto tendo o mesmo significado como o pronome *te* direto por exemplo *Eu te vejo só na aula* ou *Eu lhe vejo só na aula*.

Também o uso da forma imperativa no singular é diferente, o que é causado pelo pronome *você*. O imperativo da segunda pessoa do singular é igual à terceira pessoa do singular, isto é usa-se a forma do imperativo formal usado em Portugal. Também podemos usar o imperativo da segunda pessoa do singular para a forma *você* mas assim se cria ambiguidade e confusão entre o imperativo formal e informal. *Me dá sua bolsa* e *Me dê sua bolsa*, no primeiro caso é claro que usamos o imperativo informal enquanto em outro caso pode ser tanto o imperativo informal como o formal. O imperativo informal é correspondente à norma popular, ou seja à forma falada enquanto o imperativo formal é usado pelos falantes do português culto brasileiro. Neste caso é a modalidade formal que é mais apropriada para ser incluída na norma padrão.

Chegando à problemática de artigos, o artigo antes de possessivo é variável no português brasileiro enquanto no português europeu na maioria dos casos fica categórico. No português arcaico do século XIV também foi variável e esta forma foi adotada pelo português brasileiro enquanto no português europeu o uso do artigo antes de possessivo se tornou geral desde o século XIX. Então em vez de *o meu pai* se usa no Brasil apenas *meu pai*. *O meu pai* se usa apenas no português culto brasileiro.

Finalmente, quanto aos verbos, a forma europeia do aspecto do verbo *estar* com a preposição *a* + infinitivo apareceu já no século XVI nas obras de Gil Vicente e de Camões e seu uso geral se deu no século XVIII. Comparando estas duas versões na documentação brasileira do século XVIII podemos afirmar segundo as fontes disponíveis que a versão hoje brasileira, ou seja o verbo *estar* + gerúndio era utilizada nas cartas menos formais enquanto a versão portuguesa, ou seja mais formal, nas cartas destinadas à corte portuguesa.⁷⁰

⁷⁰ Celso Cunha, Lindley Cintra, Nova gramática do português contemporâneo

4.3.2 Aspectos fônicos

As diferenças, porém, não existem só ao nível da gramática. A diferença que é até mais notável é a da pronúncia ou do sotaque. Ao ouvir falar um brasileiro e um português ao mesmo tempo, parece que duas línguas diferentes estão sendo faladas pois a diferença no sotaque é enorme. Uma das características do português brasileiro é a da abertura das vogais enquanto os portugueses as fecham.

Um dos aspectos fonéticos que diferencia o português brasileiro do europeu é a centralização e alteamento das vogais no português europeu. Essas mudanças na área da fonética ocorreram no século XVII e XVIII e como o português veio ao Brasil antes na sua forma quinhentista, ou seja pré-setecentista, foi essa forma que se conservou no Brasil. Voltando para o sistema vocálico, o português brasileiro sofreu uma influência das línguas africanas da família banto e kwá. A família das línguas banto não possui as vogais nasais, daí podemos concluir que é também por esse fato que o português brasileiro é mais aberto do que o português de Portugal.

As principais características das vogais são a abertura e a substituição da vogal *E* final pela vogal *I*. Quanto à diferença entre as vogais na posição acentuada, decidi usar um bom exemplo da oposição da vogal central recuada [a] e da vogal central não-recuada [α]. Os portugueses fazem diferença entre estas duas vogais principalmente na conjugação dos verbos na primeira pessoa do plural no presente e no préterito perfeito. Assim o verbo *falar* recebe no presente a forma fal[α]mos enquanto no préterito perfeito fal[a]mos para fazer a diferença no sentido. No português brasileiro não se faz diferença e se pronuncia fal[a]mos. Para mais um exemplo pode servir a palavra *para*. No português brasileiro quer se trate do verbo quer da preposição a pronúncia não muda, sempre é p[a]ra enquanto no português europeu se faz diferença na pronúncia. O verbo *para* se pronuncia p[a]ra enquanto a preposição se pronuncia p[α]ra.

Quanto ao aspecto vocálico, a redução das vogais é um traço característico do português europeu enquanto no português brasileiro esta redução não existe. Este fato resulta na impressão de que o português de Portugal é mais consonântico do que o português

brasileiro que é mais vocálico ou seja mais aberto. Por exemplo, a vogal *E* final passa a ser *I* na pronúncia como nas palavras *esteve, fale, cabe*.

Quanto às consoantes, as características principais são a eliminação dos consoantes finais, a palatalização de consoantes dentais e a eliminação dos chiantes. O português brasileiro elimina muito as consoantes finais enquanto o português europeu as pronuncia com o sotaque muito forte. Por exemplo, a consoante *L* se vocaliza em [w], a palavra *legal* é pronunciada como *lega[w]* no Brasil. As pessoas não escolarizadas falam [lega]. Quanto à consoante *R*, esse muda na aspiração, assim as palavras como *melhor, maior, fazer, falar, Salvador* se pronunciam como [melhó, maió, fazê, falá, Salvadô].

Outra característica do português brasileiro na área da fonética é a palatalização de consoantes dentais, ou seja africadas, que estão seguidas de vogal ou semivogal como nas palavras *dia, gente, tio, onde* nas quais as consoantes se pronunciam como [dʒ] e [tʃ].

As palavras, principalmente os verbos conjugados mas também os nomes no singular e advérbios terminados em consoante *Z* e *S* precedidas de vogal são pronunciadas como *S* precedido de *I*, por exemplo *faz, fez, talvez, voz, vez* enquanto no português europeu *S* e *Z* são chiantes. Mas esta pronúncia pode causar uma confusão no sentido, por exemplo nas palavras *mas* e *mais* cuja pronúncia é igual no português brasileiro.

As características fônicas mencionadas são os traços mais típicos do português brasileiro, então são aceitáveis para o país inteiro. Assim deveriam criar um elemento mais importante da norma padrão brasileira.

4.3.3 Aspectos lexicais

A característica única do português brasileiro é sem dúvida o vocabulário específico. É o elemento que difere o português brasileiro ainda mais do europeu. As mais conhecidas são palavras brasileiras como *ônibus, ponto de ônibus, café da manhã, trem* em vez das palavras portuguesas *autocarro, paragem de autocarro, o pequeno almoço, comboio*.

A riqueza do vocabulário brasileiro se deve principalmente às línguas africanas da família banto, por exemplo as palavras como *acarajé, berimbau, cachaça, carimbo, dendê ou vatapá*, ou às indígenas do tronco tupi nas palavras que designam frutas, plantas, árvores ou animais tendo origem nas línguas indígenas amazônicas por exemplo *iracema, mandioca, iguaçu, sucuri ou jacaré*.

Outro aspecto do português brasileiro é a sua abertura ao vocabulário estrangeiro. Desde a chegada dos imigrantes o português adotou muitas palavras estrangeiras e continua adotando sem preconceito principalmente as palavras inglesas, francesas ou italianas como por exemplo *o shopping* que significa *o centro comercial* em português de Portugal.⁷¹

Nesta parte do capítulo vimos as características que diferem o português brasileiro do português europeu, ou seja os traços próprios ao português brasileiro. Escolhi as marcas mais específicas a partir das quais podemos decidir quais delas são aceitáveis para criarem a norma brasileira. Quanto às características gramaticais, a posição dos pronomes e o uso do artigo, é difícil decidir quais delas são mais aceitáveis para criar a norma, se as usadas por falantes da norma culta ou as mais típicas usadas pela maioria da população. Neste caso os linguistas consideram os traços usados pela norma culta como mais aceitáveis para criar a norma já que se usam também na norma literária. Quanto aos traços fônicos e lexicais, esses são típicos e usados pela população inteira, então seriam automaticamente incluídos na norma padrão.

4.4 Estado atual da norma brasileira

Como acabamos de ver neste capítulo a língua falada no Brasil não é o português propriamente dito porque este nome se refere à língua que surgiu e é usada em Portugal. A língua que se desenvolveu no Brasil sofreu muitas influências e na forma de hoje se distancia muito daquela falada em Portugal. Mesmo que a gramática normativa seja baseada no português europeu o português brasileiro fica muito afastado dele tanto geograficamente quanto linguisticamente. Assim surgiram diferenças entre a língua falada e

⁷¹ Heliana Mello, Cléo V. Altenhofen, Tommaso Raso, Os contatos linguísticos no Brasil

a língua escrita que se aproxima ao português europeu. Durante mais de um século se fazem estudos linguísticos profundos do português brasileiro com objeto de construir uma norma brasileira que conseguisse unir a língua escrita com a língua falada no Brasil.

Do mesmo modo vimos a importância da norma na vida cotidiana da população brasileira. É o fator decisivo na educação brasileira que determina o status social. Portanto podem surgir perguntas de porque não existe uma norma brasileira. Há três fatores principais que causam a impossibilidade de elaborar uma norma linguística. O primeiro fator é o território vasto que resultou em variantes geográficas e sociais. Com tantas variantes linguísticas é muito difícil escolher uma que poderia caracterizar um grupo vasto de falantes e assim criar uma norma. O segundo fator é a relação confusa entre o português brasileiro e o europeu. Até hoje não é claro em que ponto se relacionam e em que ponto se diferem. O terceiro fator é a diferença entre o português culto e o português popular brasileiro. Esta diferença tem a sua origem no passado quando o Brasil foi um país rural. Foi apenas nos centros urbanos onde se situavam órgãos da administração colonial que usavam a língua da metrópole ou seja o padrão português de qual nasceu o português culto brasileiro. Mas nos interiores do país se situava a maior parte da população que praticava a fala geral, quer dizer o português mal aprendido, antecedente do português popular brasileiro. Aqui nasce uma dúvida, ou seja que tipo de português usar para elaborar uma norma para que essa fique objetiva e aceitável para todos.

Portanto em 1970 nasceu o Projeto Norma Linguística Urbana Culta que tem por objetivo descrever a modalidade culta da língua falada em cinco centros urbanos como em Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Este projeto, usando gravações sonoras, compõe-se de três partes, a fonética, a morfossintática e a lexical. É na parte da morfossintaxe que os linguistas procuram comparar os fenômenos gramaticais nesses cinco cidades para conseguirem estabelecer uma norma flexível e tolerável tanto para falantes da língua culta como para falantes da língua popular. No início da última década do século passado começou o Projeto Gramática do Português falado que tem por objeto de criar uma gramática da modalidade culta em base no português falado no Brasil.⁷²

⁷² <http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/> 14.4.2013

Na minha opinião não vai demorar muito e todas as tentativas dos linguistas vão levar ao surgimento da norma linguística brasileira porque a falta da norma não é apenas um problema linguístico mas sim o problema nacional que impede um país tão significativo como o Brasil de representar-se como um país independente completo e com a sua língua própria. Do ponto de vista do orgulho nacional a norma linguística brasileira poderia finalmente tirar os últimos laços de dependência do Brasil sobre Portugal.

Conclusão

No meu trabalho me dediquei à história e à classificação do português do Brasil cujas origens estão no período da colonização pelos portugueses, na situação sócio-histórica depois da Independência e na riqueza do contato linguístico. Devido à sua grande extensão territorial e às condições naturais diversas, o território brasileiro não foi povoado apenas pelos povos indígenas, mas atraiu também pessoas de outras nações. Por um lado, trata-se de um grande território dos povos indígenas que viviam de forma independente, o que causou uma variedade rica de línguas indígenas. Por outro lado, de grupos étnicos diferentes, ou seja portugueses e africanos que se estabeleceram em partes distintas do território, onde se misturaram com a população autóctone. O quarto grupo étnico é formado por imigrantes de origens e culturas diferentes. A riqueza de etnias e culturas causa uma diversidade linguística incomparável do território brasileiro. Tal diversidade é notável até hoje.

Quanto aos processos linguísticos às vezes quando povos com línguas diferentes convivem entre si ou entram em contato regularmente acontece a conexão de duas ou mais línguas numa língua só. Esse processo, chamado de unificação linguística, resulta na sobreposição da língua de um povo ou nação a outro grupo, povo ou nação cujas línguas desapareceram ou cujo número dos falantes diminuiu. Apesar do fato de que as línguas anteriores não se usam mais e foram substituídas por uma nova língua, elas sempre deixam elementos hereditários, principalmente no léxico. Esse processo unificador começou a ocorrer principalmente do início do século XV com as expansões dos árabes, chineses e também dos portugueses. É nesse processo que se inscreve a história do português falado no Brasil, ou seja a história externa do português brasileiro, que começou pela confrontação do português com as línguas indígenas e africanas.

A diversificação do território brasileiro nos ajuda a perceber a coexistência e as lutas linguísticas entre os grupos étnicos diferentes. No século XVI o território brasileiro reconhecido foi somente a costa brasileira com a população indígena de 5 milhões indivíduos, gradualmente reduzida pelas guerras e doenças para mais ou menos 2 milhões até o final do século, a população branca vinda de Portugal com os seus descendentes brancos e mestiços representaram o número de 30 mil no fim do século XVI e a população negra vinda da África, cujo número é estimado em vários milhares, para desempenhar o papel de mão-de-obra

fundamental. No fim do século XVII o território ocupou quase toda parte do Nordeste e as capitanias do sul como Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Vicente e São Paulo com a população de 200 mil brancos e seus descendentes, 1,5 milhão da população indígena e mais ou menos 400 mil negros. No fim do século XVIII o território brasileiro correspondeu mais ou menos ao território atual sem a Banda Cisplatina e sem o Acre com mais ou menos 500 mil brancos, 500 mil índios, 500 mil mestiços e 1 milhão de negros. Em meados do século XIX o território brasileiro já fica idêntico ao território atual com 1,5 milhão de brancos, 1,8 milhão de mestiços e índios integrados, 1,5 milhão de negros e 200-300 mil índios. Este breve resumo demográfico mostra que a evolução populacional teve uma grande participação no desenvolvimento linguístico, graças à sua estreita relação com a realidade linguística.

O fio condutor que me serviu para fazer uma história completa do português brasileiro foi sem dúvida marcar os pontos históricos essenciais. Por isso na base das fontes disponíveis escolhi três períodos históricos importantes nos quais esta história é baseada. O primeiro dado é o início da colonização em 1532 até 1654 quando ocorreu a expulsão dos holandeses. Nessa época o português ainda não tinha se afirmado na sociedade brasileira por causa da rejeição pela parte dos índios e também por causa da colonização holandesa quando o português teve que conviver um tempo com a língua holandesa. O segundo dado é desde o ano 1654 até chegada da família real portuguesa no ano 1808. Nesse período a posição do português melhorou e até ganhou o status da língua oficial da colônia. O terceiro período é a partir do ano 1808 quando começou a lusitanização e o desenvolvimento da escolarização no país e aconteceram as mudanças político-linguísticas e socioculturais, ou seja, a mudança de país multilíngue a um país unilíngue, a transformação de um país de caráter rural para um país urbano.

O ponto essencial na composição do português brasileiro vem da colonização do território brasileiro onde aconteceu o encontro entre o português europeu, as línguas indígenas e as línguas africanas vindas com o tráfico dos escravos negros. Este desenvolvimento linguístico em que a língua de dominação portuguesa interagiu com as línguas nativas e várias outras línguas, primeiro africanas, mais tarde as dos imigrantes, tornou este território linguisticamente multilíngue. Esta mistura linguística resultou em várias variantes regionais e sociais, quer dizer na heterogeneidade do português no Brasil.

O português falado hoje no Brasil se formou no território brasileiro pela voz dos africanos e dos seus descendentes. Tanto nas lavouras da cana-de-açúcar, na área de mineração como na colheita de algodão, fumo ou de especiarias sempre apresentando a maioria da população até meados do século XIX. O período colonial do primeiro século até meados do século XIX é marcado pela mobilidade constante dos escravos e dos seus senhores. Assim, migrando pelo território, eles difundiram a língua aprendida num processo de transmissão linguística irregular.

Enquanto a população africana desempenhou o papel de difusora do português geral brasileiro, mais tarde chamado de português popular brasileiro, falado pelas massas populacionais, o português culto brasileiro foi usado principalmente pelos escolarizados e estudiosos. A difusão do português pela população africana explica porque o Brasil chegou a ser um país unilíngue mesmo tendo sido caracterizado como um país de um multilinguismo generalizado através da civilização, desde o seu descobrimento, até meados do século XVIII.

O português que veio da Europa é um denominador comum que passou a ser a língua da sociedade dominante. O português brasileiro, que nasceu do contato de línguas de índios, de escravos negros e da língua portuguesa, com o tempo veio a ser a língua majoritária, nacional e oficial e tornou este território unilíngue. A forma atual desta língua foi influenciada pela demografia histórica no Brasil durante o período colonial e pela escolarização ou melhor dito pela ausência desta.

Durante a colonização a língua portuguesa era uma língua comum tanto no Brasil quanto em Portugal. Mas como se trata de países geograficamente distantes e com histórias diferentes, a população e também a língua sofreram alterações de maneiras muito distintas entre si. Os traços do português europeu vindo no Brasil se instalaram e se fixaram no português brasileiro enquanto o português em Portugal continuou se desenvolvendo independentemente. É por isso que o português no Brasil, que evoluiu do português europeu, recebeu o atributo de ser conservador já que conservou a forma do português arcaico quinhentista aí chegado.

Na introdução nos questionamos sobre o nome do idioma no Brasil e sobre o seu status e vimos que o status desta língua no Brasil fica claro, ou seja que desempenha o papel tanto da língua oficial como a língua nacional e é falada por toda a população com a exceção da

pequena minoria indígena isolada. Quanto ao nome do português falado no Brasil vimos que esse foi até recentemente um problema linguístico procedente da problemática da norma já que esta e o nome da língua são proporcionalmente relacionados. Mas como vimos podemos dizer que pelo menos o problema do nome parece resolvido, isto é desde a segunda metade do século XX se usa o nome de português brasileiro que é o mais apropriado porque reflete muito bem que se trata de uma variação da língua portuguesa.

Outra pergunta levantada foi porque o português brasileiro tem tantas variantes linguísticas e porque fica muito trabalhoso escolher entre a pluralidade de variantes uma que servia para a nação inteira. A resposta à pergunta é muito fácil como podemos observar na parte histórica do meu trabalho. Vimos que o português brasileiro estava em desenvolvimento durante cinco séculos num território enorme e numa sociedade muito diversificada de línguas maternas diferentes. O fator decisivo foi o status social de falantes porque foi esse que determinou o acesso à escolarização que na verdade era inacessível para a maioria da população. Assim os aloglotas tiveram que aprender o português apenas na forma oral. Neste português mal aprendido contavam-se elementos da língua materna de cada um dos povos citados. Como os falantes do português brasileiro se implantaram em todo o território nasceram variantes verticais ou seja dialetos geográficos. O resultado deste processo é que cada região brasileira tem o seu dialeto próprio dentro dos quais existem também dialetos das classes sociais. Esta diversidade resulta numa impossibilidade de escolher uma variante que seria seguida pela nação toda.

A última pergunta tratou do problema da elaboração de uma norma linguística. Observamos que com a diversidade de variantes de uma língua surge também a diversidade de normas linguísticas. Com a heterogeneidade geográfica e social da população brasileira é preciso criar uma norma linguística com base em características linguísticas mais gerais para que seja aceitável tanto para os falantes da norma vernácula como para os da norma culta. Mesmo que os linguistas tenham iniciado muitos projetos, escolher estas características para uma população tão numerosa requer muita pesquisa trabalhosa que pode demorar anos.

Com a escolarização crescente o português escrito começou a penetrar e assim surgiu a polarização entre a norma vernácula usada pela classe baixa não escolarizada e a norma culta usada pela elite e pela minoria que tinha acesso à escolarização. Por isso as tentativas

de unir a língua falada com a língua escrita já demoram séculos. Apesar da classificação linguística ainda não resolvida com base na ausência da forma codificada desta língua, ou seja da gramática, todos os esforços e trabalhos anteriores de linguistas sugerem, porém, os futuros passos importantes para a normatização de uma língua propriamente brasileira.

Resumo em eslovaco

Objavenie Brazílie a jej následná kolonizácia predstavuje jedinečnú kultúrnu a lingvistickú situáciu. V 16. storočí bola Brazília multilingválne územie obývané pôvodnými indiánskymi kmeňmi, ktoré na svoju komunikáciu používali stovky rôznych domorodých jazykov. Portugalčina slúžila iba ako jazyk kolonizátorov. Aby mohla kolonizácia napredovať a využiť prírodné zdroje, bola potrebná nová pracovná sila. Táto bola zabezpečená hlavne dovozom afrických otrokov. Keďže jazykom kolonizátorov bola portugalčina, ich cieľom bolo, aby bola aj jazykom novo dobytých území. Preto sa snažili zabrániť príchodu iných jazykov, ktoré by mohli skomplikovať ovládanie tejto kolónie. S príchodom obrovského množstva otrokov bolo potrebné prijať určité opatrenia, ktoré by zabránili príchodu afrických jazykov. A tak ešte v afrických prístavoch sa vyberali otroci tak, aby na jednej lodi boli členovia odlišných kultúr a jazykov, ktorí si navzájom nerozumeli. Počas dlhej cesty do Brazílie si títo otroci museli vytvoriť umelý jazyk, aby dokázali nejakým spôsobom medzi sebou komunikovať. Preto po príchode do Brazílie bolo pre nich jednoduchšie naučiť sa jazyk kolonizátorov. Afričania si postupne osvojili portugalčinu v jej hovorovej forme. V 17. storočí, v dôsledku potreby komunikácie s domorodým obyvateľstvom, bol na základe charakteristických znakov jazyka tupinambá a portugalčiny vytvorený univerzálny jazyk, ktorý slúžil na dorozumievanie sa medzi portugalskými kolonizátormi a domorodým obyvateľstvom. Jezuiti používali tento jazyk na šírenie kresťanstva a vzdelania, čo sa nestretlo s pochopením markíza Pombala, ktorý v 18. storočí zakázal použitie tohto jazyka a vyhlásil portugalčinu za oficiálny jazyk brazílskej kolónie. Na začiatku 19. storočia sa pozícia portugalčiny začala upevňovať. Jedným z hlavných dôvodov bol príchod portugalskej kráľovskej rodiny, ktorá sa usadila v Rio de Janeiro. Začalo sa obdobie reformácií, ktorého dôležitým cieľom bolo poskytnutie vzdelania v národnom jazyku. V tomto období existovali v Brazílii v podstate dve formy portugalčiny. Portugalčina hovorová, ktorá bola šírená počas kolonizácie Afričanmi po celom brazílskom území a portugalčina spisovná, ktorú používala iba vyššia spoločenská vrstva, ktorá mala prístup k vzdelaniu. Rozdiel medzi týmito dvoma formami portugalčiny má za následok obtiažnu klasifikáciu brazílskej portugalčiny a jej normy.

Resumo em inglês

The discovery of Brazil and its subsequent colonization represents a unique cultural and linguistic situation. In the 16th century, Brazil was a multilingual territory inhabited by native Indian tribes who used for their communication hundreds of different native languages. Portuguese language was used only as a language of colonizers. In order to advance the colonization and to use natural resources, the need for a new workforce appeared. This was provided by import of African slaves. As the language of the colonizers was a portuguese, their goal was to set this language as a language of the newly conquered territories. That is why they tried to prevent the arrival of other languages, which could complicate a control of the colony. With the arrival of the massive amount of slaves, it was necessary to take certain measures to prevent the arrival of African languages. These measures were taken right in African ports. The colonizers selected slaves in the way to put the members of different cultures and languages in the same ship. So they could not understand each other. During the long journey to Brazil those slaves had to create an artificial language to be able to communicate with each other. Therefore, after arriving in Brazil, it was much easier for them to learn the language of the colonizers. Africans have gradually learnt spoken portuguese. In the 17th century, due to the communication needs with native people, a general language based on the characteristics of the Portuguese and tupinambá language was created. This language was used to simplify the communication between Portuguese colonizers and native tribes. The Jesuits used this language to spread Christianity and education among native people. This step did not meet with understanding of Marques Pombal, who, in the 18th century forbade the use of the general language and declared the Portuguese as the official language of the Brazilian colony. In the beginning of the 19th century, the Portuguese began to consolidate its position. One of the main reasons for this consolidation was the arrival of the Portuguese royal family, who settled in Rio de Janeiro. The period of reformations, whose goal to provide education in the national language, started. In this period there were two forms of Portuguese. The spoken Portuguese, which was spread during the colonization by Africans throughout the Brazilian territory and the literary Portuguese, which was used only by higher social class who had access to education. The difference between these two forms of Portuguese causes difficulties in the classification of the Brazilian Portuguese e its norm.

Anotação

Jméno a příjmení autora: Bc. Jana Fabová

Název fakulty a katedry: Filozofická fakulta, Katedra romanistiky

Název diplomové práce: Caminho do português brasileiro desde a língua do colonizador até a língua da nação independente

Vedoucí magisterské diplomové práce: Mgr. Petra Svobodová Ph.D.

Počet znaků: 150 747 (127 443 znakov bez medzier)

Počet příloh: 0

Počet titulů literatury a internetových zdrojů: 39

Klíčová slova: kolonizácia, dobytie, Portugalci, Indiáni, Afričania, brazílska portugalčina, európska portugalčina, indiánske jazyky, dialekt, status, norma, národný jazyk, oficiálny jazyk

Abstrakt: Objavenie Brazílie a jej následná kolonizácia predstavuje jedinečnú kultúrnu a lingvistickú situáciu. V 16. storočí bola Brazília multilingválne územie obývané pôvodnými indiánskymi kmeňmi, ktoré na svoju komunikáciu používali stovky rôznych domorodých jazykov. Portugalčina slúžila iba ako jazyk kolonizátorov. Aby mohla kolonizácia napredovať a využiť prírodné zdroje, bola potrebná nová pracovná sila. Táto bola zabezpečená hlavne dovozom afrických otrokov. Keďže jazykom kolonizátorov bola portugalčina, ich cieľom bolo, aby bola aj jazykom novo dobytých území. Preto sa snažili zabrániť príchodu iných jazykov, ktoré by mohli skomplikovať ovládanie tejto kolónie. S príchodom obrovského množstva otrokov bolo potrebné prijať určité opatrenia, ktoré by zabránili príchodu afrických jazykov. A tak ešte v afrických prístavoch sa vyberali otroci tak, aby na jednej lodi boli členovia odlišných kultúr a jazykov, ktorí si navzájom nerozumeli. Počas dlhej cesty do Brazílie si títo otroci museli vytvoriť umelý jazyk, aby dokázali nejakým spôsobom medzi sebou komunikovať. Preto po príchode do Brazílie bolo pre nich jednoduchšie naučiť sa jazyk kolonizátorov. Afričania si postupne osvojili portugalčinu v jej hovorovej forme. V 17. storočí, v dôsledku potreby komunikácie s domorodým obyvateľstvom, bol na základe

charakteristických znakov jazyka tupinambá a portugalčiny vytvorený univerzálny jazyk, ktorý slúžil na dorozumievanie sa medzi portugalskými kolonizátormi a domorodým obyvateľstvom. Jezuiti používali tento jazyk na šírenie kresťanstva a vzdelania, čo sa nestretlo s pochopením markíza Pombala, ktorý v 18. storočí zakázal použitie tohto jazyka a vyhlásil portugalčinu za oficiálny jazyk brazílskej kolónie. Na začiatku 19. storočia sa pozícia portugalčiny sa začala upevňovať. Jedným z hlavných dôvodov bol príchod portugalskej kráľovskej rodiny, ktorá sa usadila v Rio de Janeiro. Začalo sa obdobie reformácií, ktorého dôležitým cieľom bolo poskytnutie vzdelania v národnom jazyku. V tomto období existovali v Brazílii v podstate dve formy portugalčiny. Portugalčina hovorová, ktorá bola šírená počas kolonizácie Afričanmi po celom brazílskom území a portugalčina spisovná, ktorú používala iba vyššia spoločenská vrstva, ktorá mala prístup k vzdelaniu. Rozdiel medzi týmito dvoma formami portugalčiny má za následok obtiažnu klasifikáciu brazílskej portugalčiny a jej normy.

Bibliografia

BAGNO, Marcos Bagno.: *Lingüística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino – MOTA, Jacyra Andrade – MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia.: *Quinhentos anos de história lingüística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006

CINTRA, Lindley – CUNHA, Celso.: *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa, 2005

FARACO, Carlos Alberto.: *Norma Culta Brasileira*. São Paulo: Parábola, 2008

FIORIN, José Luiz – PETTER, Margarida.: *África no Brasil. A formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008

GUIMARÃES, Eduardo. Brasil: país multilíngue. *Ciência e Cultura*, p. 22-23

HOUAISS, Antônio.: *O Português no Brasil. Pequena Enciclopédia da Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Unibrade, 1985

ILARI, Rodolfo – BASSO, Renato.: *O português da gente. A língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006

KLÍMA, Jan.: *Dějiny Brazílie*. Praha: Lidové Noviny, 2011

KLÍMA, Jan.: *Brazílie-stručná historie států*. Praha: Libri, 2003

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia.: *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004

MELLO, Heliana – ALTENHOFEN, Cléo V. – RASO, Tommaso.: *Os contatos lingüísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011

NOBRE, Wagner Carvalho de Argolo.: *Introdução à história das línguas gerais no Brasil: processos distintos de formação no período colonial*. Dissertação. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2011

SILVA NETO, Serafim da.: *A língua portuguesa no Brasil: problemas*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1960

SILVA NETO, Serafim da.: *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, 1986

TEYSSIER, Paul.: *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1982

PIRES, Cibélia Renata da Silva.: *O uso da língua geral e sua restrição na América portuguesa*.

(<http://www.espacoacademico.com.br/093/93pires.htm>); consultado em 25.2.2013

ROCHA, André Pereira.: *Pluralidade na organização indígena no Brasil da época do Descobrimento*.

(<http://historiapipcaxambu.blogspot.sk/2013/03/pluralidade-na-organizacao-indigena-no.html>); consultado em 10.4.2013

SEKI, Lucy.: *A Lingüística Indígena no Brasil*.

(http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300011); consultado em 16.3.2013

SILVA, Marcelo Pereira Gomes da.: *Língua Portuguesa. PORTUGUÊS OU BRASILEIRO? ALGUMAS CONSIDERAÇÕES*

(<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/portugues/0014.html>); consultado em 18.3.2013

SOUSA, Rainer Gonçalves.: *Invasões Holandesas no Brasil*.

(<http://www.escolakids.com/invasoes-holandesas-no-brasil.htm>); consultado em 19.4.2013

O português no mundo.

(<http://www.cin.ufpe.br/~rac2/portugues/mundo.html>); consultado em 14.3.2013

Países de expressão portuguesa.

(<http://www.esep.pt/interneteb1/jornal/modules.php?name=News&file=article&sid=404>); consultado em 14.3.2013

Índios do Brasil.

(<http://www.suapesquisa.com/indios/>); consultado em 15.3.2013

O início da colonização.

(<http://brasillhistoria.blogspot.sk/2009/08/o-inicio-da-colonizacao.html>); consultado em 16.3.2013

A chegada dos jesuítas ao Brasil.

(http://www.passeiweb.com/saiba_mais/fatos_historicos/brasil_america/chegada_dos_jesuítas); consultado em 16.3.2013

Tratado Descritivo do Brasil.

(<http://www.consciencia.org/tratado-descritivo-do-brasil-em-1587-gabriel-soares-de-sousa>); consultado em 10.3.2013

Escravidão no Brasil.

(<http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/escravidaio.htm>); consultado em 16.3.2013

Escravidão no Brasil.

(http://2.bp.blogspot.com/mUzsFdf6BTI/T66QxpdU5I/AAAAAAAAAbQ/tXQ90dipAFc/s1600/mapa_escravidaio.gif); consultado em 10.4.2013

Bandeirantes.

(<http://www.historiadobrasil.net/bandeirantes/>); consultado em 16.3.2013

Reformas pombalinas.

(<http://www.brasilecola.com/historiab/reformas-pombalinas.htm>); consultado em 16.3.2013

Inconfidência Mineira.

(http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/inconfidencia_mineira.htm); consultado em 17.3.2013

Línguas Gerais do Brasil.

(<http://contextohistorico.blog.terra.com.br/category/6-imagens-da-exclusao/602-linguas-gerais-do-brasil/>); consultado em 17.3.2013

Abolição Da Escravatura No Brasil.

(<http://www.historiadobrasil.net/abolicaodaescravatura/>); consultado em 17.3.2013

Semana de Arte Moderna.

(<http://www.infoescola.com/artes/semana-de-arte-moderna/>); consultado em 20.4.2013

Português, A Língua Oficial do Brasil.

(http://www.redescola.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=525:artigo&catid=89:portugues&Itemid=72); consultado em 28.2.2013

Influências Linguísticas no Português.

(<http://www.infoescola.com/linguistica/influencias-linguisticas-no-portugues/>); consultado em 18.3.2013

Classificações de Norma do Português Brasileiro.

(<http://pt.shvoong.com/humanities/1725967-classifica%C3%A7%C3%B5es-norma-portugu%C3%AAs-brasileiro/>); consultado em 4.3.2013

Projeto Norma Linguística Urbana Culta.

(<http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj/>); consultado em 14.4.2013

Lista de mapas

Mapa 1: Português no mundo	15
Mapa 2: Localização dos povos indígenas no Século XVI	18
Mapa 3: Tráfico negreiro	24
Mapa 4: Ciclos do tráfico de escravos africanos	30
Mapa 5: Quilombos no Brasil na época da colonização	30
Mapa 6: Línguas gerais no Brasil	35
Mapa 7: Imigração no Brasil	41